



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

INGRID BRITO ALVES DA ASSUNÇÃO

**Tomás Coelho: o uso da história local como
uma proposta para o Ensino de História no
subúrbio carioca**

Rio de Janeiro

2022



Tomás Coelho: o uso da história local como uma proposta para o Ensino de História no subúrbio carioca

Ingrid Brito Alves da Assunção

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino de História do Instituto de História da UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Orientadora: Dr^a Warley da Costa

Rio de Janeiro

2022

CIP – Catalogação na Publicação

B851t Brito Alves da Assunção, Ingrid

Tomás Coelho: o uso da história local como uma proposta para o Ensino de História no subúrbio carioca / Ingrid Brito Alves da Assunção. -- Rio de Janeiro, 2022.

72 f.

Orientadora: Warley da Costa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História em Rede Nacional, 2022.

Ensino de História. 2. História Local. 3. Tomás Coelho. 4. CIEP 092 Federico Fellini. I. da Costa, Warley, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino de História do Instituto de História da UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Aprovada por:

Prof. Dr.^a Warley da Costa – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fábio Garcez de Carvalho – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família por todo suporte e amor incondicional diante de tantos problemas de saúde que venho enfrentando desde 2019. O apoio emocional e material que vocês dispuseram a mim nunca será esquecido e tenho eterna gratidão. Infelizmente minha avó não está mais entre nós, mas tem participação fundamental em todas as minhas conquistas, tanto no passado quanto no presente e no futuro. Agradeço e muito a ela.

Além deles, preciso demonstrar toda minha gratidão a minha orientadora professora Dr^a Warley da Costa que me acompanhou numa longa jornada desde o CESPEB e foi a primeira a saber que eu tinha conquistado uma vaga no ProfHistória da UFRJ. Ela nunca me desamparou, nem nas horas mais difíceis desses últimos anos, momentos que eu mesma já tinha jogado a toalha. Sempre com uma palavra de encorajamento e muita paciência para orientar e mostrar o caminho. Obrigada professora Warley do fundo do meu coração, por me mostrar na prática que na pós-graduação também existe lugar para o afeto e empatia.

Um agradecimento especial aos professores integrantes da minha banca de qualificação professor Dr^o Fábio Garcez e professor Dr^o Rui Aniceto por toda disponibilidade de ter avaliado meu trabalho e ter feito contribuições tão importantes para o desenvolvimento do mesmo.

Agradeço também as amigas que sempre torceram muito por mim e pela conclusão dessa etapa: Elizete Santos, Cláudia Costa, Cynthia Coelho e Ana dos Anjos. Assim como agradeço a todos os colegas professores, funcionários e direção do CIEP 092 Federico Fellini por toda ajuda, compreensão e parceria ao longo desses seis anos na instituição. A dupla jornada estudante/trabalhadora é vivenciada por muitos e uma palavra amiga dos colegas durante o intervalo faz toda diferença.

Quero deixar registrado meu muito obrigada e orgulho dos meus alunos da turma 2005/3005 que realizaram o projeto e aqueles que venceram a timidez no documentário: Maicon Gabriel, Fernanda Ribeiro, João Lima, Levi Barros, Rafaela Batista e Rafaella Oliveira. Estendo o agradecimento ao cinegrafista Fabiano Soares que gentilmente nos ajudou na filmagem do documentário de forma profissional, com equipamentos maravilhosos e de forma tão descontraída.

Por fim gostaria de agradecer o apoio da CAPES pelo financiamento da minha pesquisa. Ao me tornar bolsista pude participar de eventos, apresentar trabalhos e viabilizar o produto final desta dissertação.

RESUMO

ASSUNÇÃO, Ingrid Brito Alves da. Tomás Coelho: o uso da história local como uma proposta para o Ensino de História no subúrbio carioca. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O presente trabalho a ser apresentado tem o objetivo de utilizar a História Local do bairro de Tomás Coelho a partir do CIEP 092 Federico Fellini como uma proposta para o ensino História. Portanto, busquei como referencial para minha pesquisa uma questão espinhosa que pude notar cotidianamente: a insatisfação dos alunos com aquela região na qual residem e estudam. A reverberação desse sentimento tem produzido ações de desvalorização do bairro, da escola, das histórias e dos protagonistas ali contidos. E para mim na condição de professora provocou uma inquietação e o desejo de apresentar outras percepções e formas de interagir com aquele espaço. Assim, busquei trazer a participação dos meus alunos como protagonistas nas atividades desenvolvidas para o meu produto pedagógico, o *Baú de Histórias: Conhecendo Tomás Coelho*, que conta com um documentário sobre a história do CIEP 092 Federico Fellini e sua relação com o bairro que o abriga, além de atividades textuais como o perfil da turma participante e mapas mentais que destrinchassem a relação dos alunos com aquele espaço.

Palavras-chave: Ensino de História. História Local. Tomás Coelho. CIEP 092 Federico Fellini.

ABSTRACT

ASSUNÇÃO, Ingrid Brito Alves da. Tomás Coelho: o uso da história local como uma proposta para o Ensino de História no subúrbio carioca. Rio de Janeiro, 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The present work to be presented has the objective of using Local History of the Tomás Coelho neighborhood from CIEP 092 Federico Fellini as a proposal for teaching History. Therefore, I sought as a reference for my research a thorny issue that I could notice on a daily basis: students' dissatisfaction with the region in which they reside and study. The reverberation of this feeling has produced actions to devalue the neighborhood, the school, the stories and the protagonists contained therein. And for me as a teacher, it caused a restlessness and the desire to present other perceptions and ways of interacting with that space. Thus, I sought to bring the participation of my students as protagonists in the activities developed for my educational product, the Chest of Stories: Knowing Tomás Coelho, which has a documentary on the history of CIEP 092 Federico Fellini and its relationship with the neighborhood that it houses it, in addition to textual activities such as the profile of the participating class and mental maps that would unravel the students' relationship with that space.

Keywords: History Teaching. Local History. Tomás Coelho. CIEP 092 Federico Felini.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: número de alunos matriculados e aprovados ao longo do Ensino Fundamental no período de 1975 a 1978.....	12
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CD-ROM	Compact Disc Read-Only Memory
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
DVD	Disco de Vídeo Digital
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
GLP	Gratificação por Lotação Prioritária
NEJA	Nova Educação de Jovens e Adultos
PEE	Programa Especial de Educação
PROEMI	Programa Ensino Médio Inovador
PROFHISTÓRIA	Mestrado Profissional em Ensino de História
RJ	Rio de Janeiro
SEEDUC	Secretaria Estadual de Educação
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: Considerações sobre o Programa de Educação Integrada	5
1.1. Por uma educação integral: o Programa de CIEPs	5
1.2. Nas entrelinhas: o CIEP 092 Federico Fellini como referência para o Bairro Tomás Coelho	12
CAPÍTULO 2: Tomás Coelho e o ensino de História Local	26
2.1. A História Local como estratégia potente para o Ensino de História	26
2.2. Os "jogos" de escala e outras aproximações com a História Local	30
CAPÍTULO 3: A construção do Baú de História: Conhecendo Tomás Coelho	33
3.1. Inaugurando o Baú de Histórias mapeando o nosso bairro	33
3.2. O CIEP 092 Federico Fellini: sob o olhar dos sujeitos	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICE	52
APÊNDICE A	52
APÊNDICE B	54
ANEXO	55
ANEXO 1	55
ANEXO 2	57
ANEXO 3	59

INTRODUÇÃO

Durante os últimos seis anos que estou lecionando, em turmas de Ensino Médio na rede pública estadual de educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), tive a oportunidade de trabalhar em diversas escolas da região que comumente conhecemos como *subúrbio carioca*. Essas experiências tiveram um impacto significativo na minha trajetória docente, pois me permitiram conhecer múltiplas realidades. Apesar de ter estudado toda a educação básica e ser moradora desta região da cidade, nunca foi de meu interesse conhecer ou explorar o espaço que me cercava de forma mais sistemática. Viver, estudar e trabalhar no subúrbio foi introjetado como um processo natural para mim e sem que houvesse a menor necessidade de isso ser pensado ou discutido. Essa premissa mudou bastante, ao me deparar com alguns enfrentamentos e questionamentos advindos da minha atuação profissional em sala de aula. Assim, como professora comecei a observar um campo de possibilidades, algumas latentes, no que diz respeito a pesquisa e exploração desse local visto que passamos a maior parte de nossa jornada cotidiana nele.

O Centro Integrado de Educação Pública 092 Federico Fellini, popularmente conhecido como CIEP ou *brizolão*, está localizado no bairro de Tomás Coelho e atende ao Ensino Médio nas modalidades: o regular, integral com o Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI) e a educação de jovens e adultos com o Nova Educação de Jovens e Adultos (NEJA). Logo de início fui convidada a participar de uma atividade interna da escola que tinha o objetivo de propor um trabalho de pesquisa aos alunos do segundo ano que contemplasse a história do bairro. De forma geral, era esperado que eu pudesse mobilizar os alunos a reconhecer naquela localidade aspectos valorosos, importantes e memoráveis para a comunidade como um todo. De certo, a expectativa era que ao reverenciar o bairro o CIEP também fosse englobado como um ponto importante daquela região para a vida das pessoas que por ali residiam, estudavam ou usavam suas instalações.

Nesse sentido é importante contextualizar que naquele momento essa atividade estava atrelada a tentativa de contornar uma situação específica: após uma mudança no quadro da direção escolar se intensificou um período extremamente conflituoso com grupos oriundos do em torno e por diversas vezes o espaço escolar foi vandalizado, saqueado e invadido. Essas notícias, cada vez mais usuais nas redes públicas de ensino brasileiras, foram deflagradas em redes sociais e na mídia televisiva, causando transtornos administrativos, financeiros e pedagógicos para o CIEP. Assim, a tarefa de apresentar a história daquela localidade durante

a feira cultural e científica da unidade escolar tinha o intuito de estreitar novamente os laços com a comunidade e apresentar às pessoas o espaço escolar como um bem público integrado a região, a serviço da população e assim como outros espaços no bairro deveria ser preservado e valorizado.

A cada semana transcorrido o prazo para entrega do trabalho – que deveria ser realizado em forma de cartazes – percebi a crescente dificuldade dos alunos de obter quaisquer informações sobre o bairro resultando em uma produção baixíssima de materiais e a sensação coletiva de desânimo na turma que beirava o incômodo com o tema em questão. Me chamou atenção o sentimento de tristeza e revolta dos alunos ao me entregarem uma folha de papel com um pequeno parágrafo que dizia o seguinte

“Tomás Coelho é um bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro. É de estância residencial, um bairro suburbano não oferecendo aos seus moradores, opções de cultura e esportes com praias, parques, shoppings, museus e teatros apesar de seu potencial em função da fácil localização e de diversos prédios de fábricas atualmente abandonados. No bairro funcionam uma estação de trem e de metrô. Seu IDHM, no ano 2000, era de 0,802, o 91º melhor do município do Rio de Janeiro, dentre 126 bairros avaliados”.¹

Esse trecho foi retirado de um dos maiores portais de pesquisas/consultas da internet conhecido e utilizado regularmente pelos alunos. Naquele momento, fui questionada sobre a importância e utilidade daquele trabalho com frases do tipo “*eu não vou apresentar isso*”, “*aqui não tem nada de bom*”, “*porque você passou esse trabalho, as pessoas vão rir da gente*” e por fim “*esse bairro é um lixo, não tem história aqui*” e sem que eu pudesse perceber que além de ter conduzido a atividade de forma simplista, ainda expus de forma não intencional aqueles jovens a situação de desconforto.

Logo após todo esse episódio, lembrei da canção Subúrbio de Chico Buarque e de como seus versos revelavam uma ideia de arrabalde da cidade presente até os dias de hoje em muitos imaginários, como podemos observar na estrofe abaixo:

“Lá não tem brisa. Não tem verde-azuis. Não tem frescura nem atrevimento. Lá não figura no mapa. No avesso da montanha, é labirinto. É contra-senha, é cara a tapa.

¹TOMÁS COELHO (BAIRRO). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Tom%C3%A1s_Coelho_\(bairro\)&oldid=55316259](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Tom%C3%A1s_Coelho_(bairro)&oldid=55316259)>. Acesso em: 28 mai. 2019. Cabe ressaltar que o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), lançado em 2000, a partir do censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no município do Rio de Janeiro levou em conta três pilares para a classificação das posições atribuídas aos bairros: longevidade, educação e renda. Com o índice variando de zero até um eram identificados na categoria “baixo” aqueles bairros entre 0 e 0,499, “médio” De 0,500 a 0,799 e “elevado” igual ou acima de 0,800. Assim, nos causou estranheza o bairro estar classificado como “elevado” em relação ao seu desenvolvimento humano quando a descrição no portal evidência o abandono, a falta de investimento e própria visão dos alunos sobre a região estar em decadência.

Fala, Penha. Fala, Irajá. Fala, Olaria. Fala, Acari, Vigário Geral. Fala, Piedade. Casas sem cor. Ruas de pó, cidade. Que não se pinta. Que é sem vaidade” (BUARQUE, 2006)

O pouco de resultado que os alunos lograram em suas próprias investigações versava sobre um bairro do subúrbio carioca decadente, sem histórias a serem contadas ou lembradas, com ausência de protagonistas, marcado pela pobreza, pela violência e falta de perspectiva. Uma área segundo alunos que “não exista na História ensinada em sala de aula, e muito menos nos livros didáticos” pois não tinha relevância suficiente ou pontos positivos para ser registrada. A partir dessa vivência em sala de aula, percebi a possibilidade de refletir acerca do uso da história local do bairro de Tomás Coelho como meu objeto de estudo no Mestrado Profissional de História – ProfHistória.

Desse modo, a pesquisa tem por objetivo principal o uso da história local do bairro de Tomás Coelho como estratégia potente para ensino de história. Como mobilizar esses estudantes a partir do estudo do local? É possível mostrar e valorizar a relação do aluno com esse espaço, mesmo dentro da lógica curricular que prioriza uma história global? Essas perguntas que nortearam o início pesquisa e também se desdobraram em questionamentos mais específicos como: apresentar a proposta pedagógica atual do CIEP 092 Federico Fellini considerando o projeto inicial; identificar a relação de pertencimento dos alunos com o CIEP 092 Federico Fellini com a localidade estudada; caracterizar em que medida o processo de formação histórica do bairro de Tomás Coelho no subúrbio carioca teve impacto sobre a construção desse imaginário de local abandonado e sem importância relato pelos alunos; propor atividades investigativas que permitam despertar o aluno para sua condição de protagonista na produção do conhecimento a partir do local que residem e estudam.

Por fim, o último objetivo diz respeito a confecção do produto final o qual pensei em elaborar um *Baú de História*² com atividades didáticas para os alunos relacionadas a História Local do bairro Tomás Coelho. Para iniciar esse projeto, selecionei uma turma de primeiro

²Sobre essa atividade, gostaria de ressaltar como ponto de referência o trabalho já realizado pelos professores Luis Reznik, Helenice Rocha, Marcia Gonçalves e Rui Aniceto, docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Marcelo de Souza Magalhaes (a época professor da UERJ que atualmente integra o quadro de docentes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO). Iniciada a proposta em 2004 a Caixa de História tinha o objetivo de desenvolver atividades impressas organizadas em torno de vários tipos documentais referente ao município de São Gonçalo. Por meio de fotografia, cartografia, crônicas, patrimônio material e imaterial, jornais e documentos oficiais da região eram confeccionadas atividades didáticas que vinculavam a história local/patrimônio visando o reconhecimento de identidades desse local pelos alunos e pelos professores. Além disso, a caixa contempla um CD-ROM com arquivos para a reprodução dos materiais nas escolas e um guia para os professores encaminharem as atividades e se apropriarem da história do município. No ano de 2011 houve a consolidação desse projeto que foi intitulado “Caixa de História: conhecer e criar” abrangendo os novos municípios como Itaboraí e Magé.

ano do Ensino Médio (1005) do turno vespertino. A escolha deve-se ao caráter propositivo da classe a trabalhos diversificados, bem como serem alunos ingressantes no CIEP ainda reconhecendo o espaço e as relações que surgem nele e podemos pontuar a questão da evasão dos alunos no fim do turno da tarde (não exclusivamente na minha disciplina) sendo nos primeiros dois tempos da tarde. De forma pragmática, como docente tenho disponível uma carga horária de uma hora e quarenta minutos por semana em cada turma, isto posto expandir para outros estudantes as atividades nessa fase de construção seria inviável, já que não posso contar com tempo adicional no contra turno da manhã. Esse material será produzido em conformidade com a disponibilidade de insumos da escola visando a real condição de trabalho em uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro.

Dessa forma, realizaremos um trabalho juntamente com os alunos, que atuarão como pequenos investigadores, focado em explorar documentos oficiais e também produzir suas próprias fontes históricas contemplando os tipos diversos que sejam tangíveis ao acesso dos jovens como registros de arquivos locais, o patrimônio local, jornais, fotografias, arquivos de familiares, a toponímia e entrevista com a população local, arquivos escolares, depoimentos de funcionários e ex-funcionários do CIEP, mapas e dados estatísticos entre outros.

Esse trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro momento apresentamos, parcialmente nesse texto, o enfoque ao CIEP 092 Federico Fellini como um espaço sinalizado como marcante para os estudantes no bairro de Tomás Coelho. Para isso, realizei um levantamento sobre a proposta original da fundação dos CIEPs vinculando a trajetória do CIEP 092 Federico Fellini a esse contexto. Em seguida, apresentamos a discussão bibliográfica sobre o conceito de História Local e suas possibilidades no uso do Ensino de História. Com esse intuito, abordei a História Local como uma estratégia potente a ser utilizada nas aulas. Por fim, no último capítulo irei apresentar todo processo de construção das atividades com a turma 1005 a partir do projeto *Conhecendo o bairro* que já vem sendo desenvolvido na escola e posteriormente resultará na compilação dos materiais, como meu produto final, que se chamará *Baú de Histórias: Conhecendo Tomás Coelho*

CAPÍTULO 1: Considerações sobre o Programa de Educação Integrada

Para falar refletir sobre como o CIEP 092 Federico Fellini integra parte da História Local do bairro de Tomás Coelho é preciso conhecer a proposta desse projeto tão marcante na história da educação da estadual carioca e que de certa forma diferencia as experiências dessas instituições das demais escolas da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro até os dias de hoje. É necessário conhecer de que forma esse Programa foi implementado no Estado do Rio de Janeiro, o impacto dessa proposta para a educação no Estado do Rio e quiçá no âmbito nacional. A partir desse entendimento então, focalizamos a nossa lente em uma de suas unidades, o CIEP em questão em nosso estudo, mudando nossa escala de análise, em um “jogo” de escala (REVEL, 1993). Dito isto, organizamos este capítulo em dois momentos, o primeiro voltado para a política educacional em que o Programa esteve inserido em sua criação; em seguida tratamos do CIEP 092 propriamente dito, seus desafios e suas especificidades.

1.1. Por uma educação integral: o Programa de CIEPS

Os Centros Integrados de Educação Pública foram construídos no Estado do Rio de Janeiro nas décadas de 1980 e 1990 durante os dois mandatos governamentais de Leonel Brizola que compreendem o período de 1983 a 1986 e 1991 a 1994. Ao longo desse período foi registrado a criação de quinhentos e seis CIEPs que tinham como objetivo principal oferecer educação pública em tempo integral por meio de uma nova concepção de escola, tanto no âmbito pedagógico quanto administrativo.

A nova proposta estava diretamente vinculada aos novos ares políticos que surgem com governo Brizola, que assume em 1982 seu primeiro mandato como governador do Rio de Janeiro, sendo essa a primeira eleição direta em âmbito estadual, após o processo de abertura política do país. As ideias de cunho progressistas, em especial na educação, tomam contornos nacionais e se transformam na principal bandeira dessa gestão.

Segundo Cavalière (2000) o plano original do CIEP era melhorar a qualidade do ensino fundamental no estado por meio de uma mudança profunda nas bases do sistema educacional vigente. A autora ressalta que as reclamações da população, professores e alunos eram voltadas a problemas de ordem prática para o funcionamento das escolas como a falta de vagas, escassez de salas de aula, carência de material didático e insuficiência de tempo letivo. Entretanto, não se questionava a concepção de escola da rede, ou seja, se ela era pensada para

seu público específico – a parcela mais carente da sociedade – e suas principais necessidades. Dessa forma, a se fazia notar uma incompatibilidade daquele modelo de escola “para absorver as grandes massas da população brasileira que chegavam às escolas públicas” (CAVALIÉRE, 2000, p.1).

A exiguidade de um debate sobre o projeto de educação escolar estabelecido pelo Estado já era percebida no rol das academias, mas não se traduzia em políticas públicas voltadas para essa questão. No entanto, de acordo com Mignot (1989) o anúncio da implementação dos CIEPs – com todos seus aspectos inovadores – provocou na sociedade um debate sobre os rumos da educação. A autora ressalta que a política de democratização do ensino foi criticada e não agradou alguns setores que sem hesitar participaram das discussões sobre a nova proposta e expressaram as diferentes formas de pensar a educação naquele momento conforme mostra a autora:

A implantação destas escolas despertou forte polêmica movida por paixões e preconceitos. Dela participou toda a sociedade, seja por diferentes perspectivas acerca da relação Estado-Educação no âmbito das políticas sociais, seja do ponto de vista do projeto pedagógico, por divergentes concepções a respeito da qualidade de ensino. (MIGNOT, 1989, p. 58)

Contudo, Mignot ressalta que esse evento foi importante por dois motivos: o engajamento da população com a questão do ensino que contribuiu para a coletivização do debate sobre a escola pública e pela experiência dos professores “que se lançaram na aventura pedagógica de implantar uma escola diferente” (MIGNOT, 1989, p.62).

O novo projeto tinha como idealizador o professor Darcy Ribeiro, antropólogo e ex-ministro da Educação, que tinha trabalhos na área da educação e ocupava à época o cargo de vice-governador do Estado do Rio de Janeiro. De acordo com *O livro dos CIEPs*, material escrito pelo próprio Darcy Ribeiro em 1986 que compilou exclusivamente as ações do governo na área da educação, verificou-se por meio de uma pesquisa que o maior problema a ser enfrentado naquela época correspondia a mesma dificuldade enfrentada por Anísio Teixeira quatro décadas antes durante seu expediente na Secretária de Educação do Rio de Janeiro: a baixa efetivação de matrículas de primeira à quarta série do nível fundamental e uma escola que não supri as necessidades do seu público-alvo.

De acordo com Doréa (2000) assim que assume a Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal (Rio de Janeiro na época) Anísio Teixeira constatou que existiam 196 mil crianças em idade escolar (entre 6 e 12 anos) no Estado e as escolas comportavam apenas 45% desse total. Da mesma forma, Darcy Ribeiro também partiu de um levantamento sobre a

situação escolar do Rio de Janeiro para embasar seu projeto de reformulação do ensino, como nos mostra a tabela 1 abaixo:

Tabela 1: número de alunos matriculados e aprovados ao longo do Ensino Fundamental no período de 1975 a 1978

Anos				
Séries	1975	1976	1977	1978
1ª série	1.000	-	-	-
2ª série	-	486	-	-
3ª série	-	-	464	-
4ª série	-	-	-	417

Fonte: O livro dos CIEPs, 1986, p. 12.

Ao analisar a tabela podemos reparar que do total dos alunos que ingressam no 1º ano do Ensino Fundamental mais da metade não chegavam a 4ª série. Segundo Darcy Ribeiro (1986) isso formava uma peneira na qual poucas crianças teriam o domínio da escrita e da leitura sendo essas habilidades fundamentais dentro de uma sociedade letrada. Esses dados também corroboram a ideia de essa nova política educacional tinha como uma de suas metas lutar contra os altos índices de analfabetismos no Brasil – cerca de 24 milhões para maiores de 10 anos – conforme mostram os Censos Nacionais de 1980. (RIBEIRO, 1986, p.11)

A solução encontrada, uma das características fundamentais dos CIEPs, era a ideia de uma escola que não fosse elitista e seletiva. Primeiramente atingir esses objetivos era necessário redefinir o papel da escola com os alunos, as famílias e a comunidade. Era de suma importância para essa concepção pedagógica a integração da escola com a população local de forma que as ações educativas ultrapassassem os muros da escola. Em seguida, democratizar o acesso à instrução das crianças e jovens colocando-a ao alcance de todos. E por fim garantir um ensino de qualidade e condições de desenvolvimento físico, cultural e intelectual.

Para contemplar essa mobilização em prol de um novo modelo de escola pública foi necessário investimento orçamentário e planejamento que se desdobrou na criação dos Programas Especiais de Educação (1º PEE e 2º PEE), setores da administração pública, que

ficaram responsáveis por estabelecer e controlar essas novas instituições. O objetivo do PEE, segundo Darcy Ribeiro era:

“A diretriz básica do Programa é a recuperação da Escola Pública, melhorando-a e colocando-a efetivamente ao alcance de todas as crianças e jovens do Estado. O grande objetivo, a ser cumprido dentro do quadriênio do mandato governamental, é consolidar um ensino público moderno, bem aparelhado e democrático, capaz de ensinar todas as crianças a ler, escrever e contar, no tempo devido – e com a correção desejável” (RIBEIRO, 1986, p. 35)

Para conseguir alavancar o projeto e objetivo dos PEE, o governo mesclou a opinião dos professores da rede estadual e de especialistas em educação definindo um conjunto de treze metas para garantir a fundação dos CIEPs. Dentre essas, poderíamos destacar:

- Garantir ao menos uma refeição ao aluno;
- Acabar com o terceiro turno, assegurando no mínimo 5 horas de permanência da criança na escola;
- Rever o material didático fornecido aos estudantes, bem como produzir o mesmo para a alfabetização até a quinta série;
- Proporcionar atendimento médico-odontológico por meio das escolas as crianças;
- Construir 500 CIEPs e implantar 150 Casas da Criança em comunidades periféricas;
- Proporcionar formação docentes para os professores da rede e fomentar a política de valorização e direito dos servidores da rede estadual;
- Estabelecer requisitos de formação pedagógica e experiência docente para os cargos de direção da escola levando em consideração a escolha dos professores no processo eleitoral de cada unidade de escolar;

Devemos ressaltar que a inspiração para essa nova formulação educacional – a implementação dos CIEPs – teve como referência as experiências de Anísio Teixeira que implementou alguns modelos inovadores de escolas como as *escolas nucleares* no Rio de Janeiro (1931-1935) e a *escola-parque* na Bahia (1947-1951). Esses dois projetos tinham pontos em comum como a criação de escolas públicas que funcionassem tempo integral, comportassem um quantitativo grande de alunos, com construções de prédios que possibilitassem tanto o ensino tradicional (disciplinas regulares) quanto diversas atividades complementares (atividades esportivas, assistência alimentar, educação artística, leitura,

capacitação profissional, atividades culturais) para as crianças do segmento mais pobre da população.

No caso das *escolas-nucleares* ou *escolas-classe* o complexo escolar comportava também os *parques escolares*, esse último não sendo concretizado. As crianças deveriam frequentar no primeiro turno as escolas nucleares para terem o ensino regular (a saber matemática, Línguas, Ciências, História e Geografia) e no segundo turno se deslocariam para o parque escolar, uma construção desenvolvida para a educação voltada ao social com a prática de educação física, musical, da leitura e alimentação. De acordo com Dórea (2000), cinco tipos de edificações foram concebidos no período:

“a “Escola Tipo Mínimo”, com 2 salas de aula e uma sala de oficinas, para as regiões de reduzida população escolar; a “Escola Tipo Nuclear” ou escola-classe, com 12 salas de aula, além de locais apropriados para administração, secretaria e biblioteca de professores, e que deveria ser complementada com o parque escolar; a *EscolaPlatoon 12 classes* (6 salas comuns e 6 salas especiais), a *Escola Platoon 16 classes* (12 salas comuns e 4 salas especiais) e a *Escola Platoon 25 classes* (12 salas comuns, 12 salas especiais e o ginásio).” (DÓREA, 2000, p. 4)

Todo os tipos citados acima contavam com área administrativa, sala de atendimento médico-dentário e banheiros. O que os diferenciava era a existência ou não de salas especiais como o auditório e a biblioteca, presentes apenas nas escolas *Platoon*.³

O outro projeto de Anísio Teixeira que influenciou Darcy Ribeiro foi intitulado de *Centro Educacional Carneiro Ribeiro* mais conhecido como *Escola-Parque*. Inaugurado em 1964 o centro era localizado no bairro da Liberdade em Salvador e tinha capacidade para atender quatro mil alunos. O complexo escolar era composto por quatro escolas-classes, que acomodavam dois mil alunos cada uma nos dois turnos para o ensino de matérias elementares como (leitura, escrita, ortografia, aritmética, estudos sociais, etc) e uma escola-parque que permitia o uso de mil alunos por período. Nessa última eram oferecidas diversas atividades culturais como dança, teatro, educação artística e social, salas de desenho e artes industriais. Além disso possuía um ginásio para as atividades de educação física, biblioteca, restaurante e um orfanato (que não foi viabilizado na execução da obra). Assim, os alunos se revezavam entre os pavilhões da escola ao longo do dia, ou seja, enquanto uma turma estava tendo aulas das matérias regulares, a outra turma se encontrava realizando as atividades na escola-parque.

³As escolas *Platoon* ganharam esse nome pois realizavam um rodízio de alunos, em forma de pelotão, entre as salas da escola de acordo com a grade curricular estabelecida previamente para as turmas.

Em conformidade com a ideia de ensino integral, CHAHIN (2016) destaca que Anísio Teixeira vislumbrava que “O aprendizado estaria na associação entre a ação e o conhecimento em conexão com a realidade social onde se insere. Somente à medida que esse vínculo entre o aprendizado e a vida social fosse fortalecido, a escola poderia ser progressiva” (CHAHIN, p.32). Nesse sentido, era essencial que o ensino se desse através da experiência e do cotidiano do aluno em um espaço que promovesse a sociabilidade por meio da ação. Ao caminhar pelo centro educacional entre os pavilhões esses estudantes estavam em constante movimento, encontravam outros colegas, trocavam conhecimento e vivências que eram amalgamadas com os acontecimentos do dia-a-dia.

Por meio de todas essas experiências, Darcy Ribeiro fundamenta seu modelo de escola em tempo integral no Rio de Janeiro na década de 80 e 90. Os CIEPs tinham a capacidade de atender em torno de mil crianças de 1ª a 4ª série ou de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental no horário integral. As crianças permaneciam das oito da manhã até as cinco da tarde na instituição e tinham garantido além das aulas, o acesso a atividade física, ao lazer, a três refeições por dia, um banho e assistência médica-odontológica. No período noturno recebia os jovens entre 14 a 20 anos para programas de alfabetização ou para sanar alguma defasagem no processo de aprendizagem anteriormente recebido pelo estudante.

Com essa proposta, os CIEPs visavam proporcionar aos alunos a integração entre as disciplinas, tendo o professor como personagem principal para essa tarefa, atividades recreativas e artísticas elevando o rendimento escolar e sanando carências sociais que impossibilitassem seu aprendizado. Além disso, o projeto previa abrigar crianças carentes nesse espaço oferecendo local de moradia e um acompanhamento pelos chamados *pais sociais*, funcionários públicos que também residiam nos CIEPs, entretanto essa medida não chegou a ser implementada.

O projeto arquitetônico elaborado para a construção dos CIEPs foi concebido por Oscar Niemeyer, renomado arquiteto brasileiro, que era adepto da arquitetura moderna. Suas obras são de tamanha extensão no Brasil com os edifícios cívicos em Brasília, a Igreja da Pampulha em Minas Gerais, o famoso Edifício Copan em São Paulo, o sambódromo da Marquês de Sapucaí, o Museu de Arte Contemporânea de Niterói dentre outras num universo de cento e quatro obras projetadas, construídas e concluídas em sua carreira. A nível internacional sua atuação também foi intensa, sendo reconhecido como o maior nome da

arquitetura brasileira e entrar para o rol dos melhores do mundo ao receber o maior prêmio dessa categoria o Pritzker em 1988.

Os CIEPs constituíram um marco arquitetônico no Estado do Rio de Janeiro, em especial na cidade, por abrigar o maior quantitativo dessas construções e pela grandeza arquitetônica das edificações e suas instalações. Por isto, imprimiram na paisagem urbana carioca uma marca identitária difícil de não ser percebida. Segundo Castro (2009) Niemeyer concebeu o projeto dos CIEPs assim como outros empreendimentos governamentais, visto que ele não era um especialista em construção de escolas e não continuou especificamente nesse ramo após a conclusão do projeto dos CIEPs.

“Oscar Niemeyer é um arquiteto de estilo único e pessoal, e não um arquiteto de um tema único, não tendo dedicado sua carreira a edificar este ou aquele tipo de programa arquitetônico. Sua experiência com os CIEPs não faz parte de um trabalho maior que ele tenha desenvolvido edificando escolas pelo país. Os CIEPs eram mais um projeto entre tantos outros elaborados pelo arquiteto. O que se pode dizer a respeito de sua arquitetura é que, de certa forma, ela sempre esteve a serviço de governos e projetos públicos desenvolvidos por estes nos mais variados temas.” (CASTRO, 2019, p. 56)

No que tange a estrutura física dos CIEPs, Niemeyer criou um projeto padrão no qual cada centro comportasse três blocos fabricados de concreto pré-moldado, técnica que possibilitou montar cada CIEP como um jogo de encaixe, e garantiu um tempo menor de construção – até quatro meses – além de economia nos gastos sem abalar a qualidade da obra. O edifício principal possuía três pavimentos ligados por uma rampa central, onde no térreo funcionava a cozinha (com capacidade de preparar até mil refeições distribuídas entre desjejum, almoço, lanche e janta); contava também com o refeitório que acomodava duzentas alunos por vez; o centro de assistência médica-odontológica e um pátio coberto para as atividades de recreação. No pavimento acima estavam localizadas as salas de aula e estudo dirigido (aulas de reforço), o auditório; a administração e um terraço destinado para atividades de lazer e que comportava dois reservatórios de água.

Já o segundo bloco dispunha de um ginásio composto por quadra esportiva polivalente com arquibancadas, que também servia de espaço cultural (para apresentações teatrais, musicais e festas), vestiários e uma dispensa para guardar matérias. Por fim o terceiro bloco que possuía um formato octogonal encontrava-se a biblioteca do CIEP e sobre ela moradia dos alunos-residentes. Esse modelo, informalmente conhecido como “cogumelo”, tem o formato idêntico da biblioteca da escola-parque formulado por Anísio Teixeira nos anos 50, o que demonstra que, além da educação integral ter sido referência para Darcy Ribeiro, a arquitetura daquele modelo de escola também serviu de inspiração para os CIEPs.

1.2. Nas entrelinhas: o CIEP 092 Frederico Fellini como referência para o Bairro Tomás Coelho

Revisitar a história da criação e implementação dos CIEPs no Rio de Janeiro foi o primeiro passo para construir o entendimento da realidade que me cercava e, por conseguinte absorver a fala dos meus alunos sobre o bairro de Tomás Coelho e a importância do CIEP 092 Frederico Fellini. Como jovem e recém-chegada professora na rede estadual ser atravessada pelo imaginário social e pela representatividade que um *brizolão* possui, estava completamente fora das minhas vivências profissionais e pessoais: nunca estudei em um CIEP, nem familiares o fizeram, não existia um CIEP próximo ao meu local de residência, nunca foi objeto de estudo na licenciatura e muito menos tive alguma experiência prévia de conhecer suas estruturas e dimensões para além da arquitetura ou visões estereotipadas do público.

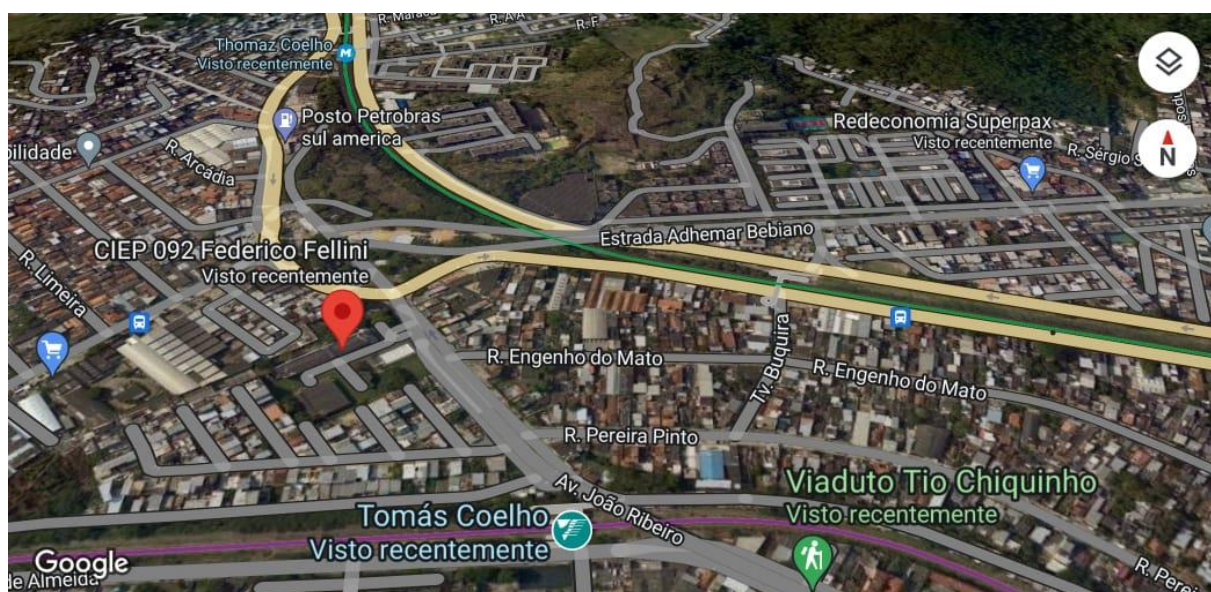
Anteriormente já havia escutado alguns relatos de que os CIEPs, atualmente, tinham a fama de serem escolas de alunos muito carentes, em lugares perigosos ou com baixo desempenho escolar. Podemos observar que após os mandatos de Leonel Brizola e findada a concepção pedagógica de Darcy Ribeiro, essas instituições passaram por processos de abandono, falta de investimento e descontinuação do projeto inicial. Isso gerou uma série de problemas na administração das unidades que tinham uma grande estrutura física, porém sem recursos humanos, financeiros e pedagógicos como cita Correa (2018) nesse trecho de sua dissertação

“O segundo mandato de Leonel Brizola se encerrou em abril de 1994 e, em 1995, o então governador Marcello Alencar, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), demitiu mais de 2 mil professores bolsistas que atuavam nos CIEPs e mais de 1600 funcionários que atuavam como apoio, pais sociais, educadores físicos, bibliotecários, animadores culturais e enfermeiros, levando o II PEE ao fim.” (CORREA, 2018, p. 46)

Dessa forma os novos governos a partir de 1995 não comungavam com o ideal de educação integral, bem como com todo aparato e suporte que os CIEPs necessitavam para seu pleno funcionamento. Segundo Cavaliere e Costa (2003, p.152) “A resistência ao desmonte do programa foi pequena e não chegou a desencadear um movimento com expressão política”. Os CIEPs então passam a integrar as redes estaduais e municipais com o ensino regular, seja ele a nível fundamental ou médio, deixando para trás apenas as lembranças das potencialidades de um projeto de outrora.

Minha percepção logo nos primeiros anos era de que havia sido enviada pela Metropolitana III para um “elefante branco”, ou seja, para uma escola que ostentava tamanho, porém estava em frangalhos. O incômodo era extremo por sempre ouvir dos professores mais antigos que os tempos áureos do Fellini tinham ficado no passado. É nesse momento que percebo que o CIEP 092 Federico Fellini não escapa a essa realidade de decadência citada anteriormente. Então o que me restava ali? O que restava aos meus alunos? Má conservação das estruturas, falta de profissionais de apoio, instalações fechadas ou subutilizadas, nenhum projeto que dialogasse com a comunidade, repetidas invasões sucedidas de furtos e uma péssima reputação perante aos moradores do bairro de Tomás Coelho.

Criado pelo decreto nº 19.011 de 16 de setembro de 1993, o CIEP 092 Federico Fellini fica situado na Avenida João Ribeiro, sem número, bairro de Tomás Coelho, no município e estado do Rio de Janeiro. As instalações da instituição se encontram em área urbana, mais precisamente em frente ao Viaduto Francisco dos Santos, popularmente conhecido como Viaduto do Tio Chiquinho, e ao lado da estação ferroviária Tomás Coelho como podemos observar na imagem a seguir:



Atualmente o prédio principal do CIEP conta com dezesseis salas de aulas, sala de professores, biblioteca, sala de Artes, sala Maker (sala de vídeo), laboratório de informática, laboratório de ciências, dois banheiros para alunas, dois banheiros para alunos, banheiro para professoras, banheiro para professores, banheiro para deficientes, copa, sala de almoxarifado, sala da direção, sala da coordenação, secretaria, sala de arquivos e sala de departamento pessoal. Em anexo ao prédio principal estão localizados o refeitório, a horta da escola e dois banheiros para alunos(as), bem como o estacionamento. Além disso, o CIEP possui um

“cogumelo” que no momento está sem utilidade e um ginásio poliesportivo com arquibancada, vestiário e piscina.

Recentemente a SEEDUC alterou a classificação do CIEP de nível C para nível B por meio da Resolução nº6003 de 18 de novembro de 2021 publicada no diário oficial do Estado do Rio de Janeiro. Essa mudança teve impactos significativos em relação a concessão de verbas e aumento dos números de funcionários tanto no pedagógico quanto no administrativo. Essa modificação ajudou a melhorar o cenário que se desenhou desde o meu ingresso até meados de 2021. O CIEP obtinha os piores marcadores educativos da Metropolitana III ficando sempre em último lugar e no nível mais baixo dessa avaliação, que dentre outras coisas levava em consideração o número de alunos matriculados e o desempenho em provas diagnósticas como SABER FORMATIVA, CONHECER e SAERJ.

O corpo docente do CIEP 092 Federico Fellini é composto atualmente por cinquenta professores entre docentes com origem no CIEP, docentes que fazem Gratificação por Lotação Prioritária (GLP) e docentes contratados por tempo determinado. Alguns desses colegas – e funcionários administrativos – estão desde os primórdios na instituição e puderam vivenciar de perto muitos momentos dessas quase três décadas. Outros são mais novos como eu e possuem outra visão do CIEP. Para acessar essas memórias, decidi investigar os discursos sustentados pelos sujeitos que participaram da história do CIEP, integrando seu quadro de funcionários/docentes ao longo desses últimos anos. Ao entrar em contato com as narrativas que dão conta dessas memórias, me apoiei no aporte metodológico oferecido pela perspectiva da História Oral pois, como será explicado no capítulo três, a turma realizou entrevistas para a produção de um documentário e assim, aproveitei esse material e transcrevi as falas para serem utilizadas tanto como parte do meu produto final da dissertação, tanto como fonte histórica para conhecer o CIEP.

Considero que as entrevistas realizadas, dentro desse contexto, destacam o diálogo interdisciplinar entre a História e outras áreas do conhecimento, como as demais Ciências Humanas e Sociais, bem como a área das Linguagens. Tal premissa me permitiu refletir sobre a relevância dos CIEPs, não só como espaço de promoção da educação formal, como também espaço privilegiado de convívio social e construção de relações afetivas que perpassam os diversos atores que integram a comunidade escolar. Ao me deparar com a História Oral enquanto método para a execução dessa atividade na escola, busquei como suporte o autor Paul Thompson, na medida em que também considero que:

A história oral (...) lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. (THOMPSON, 1992, p.44)

Tendo em vista as considerações feitas por Paul Thompson acerca da História Oral, debruicei-me, ao longo do ano de 2019, sobre 8 (oito) entrevistas realizadas pelos alunos da turma participante do projeto, com pessoas que vivenciaram os períodos de glória do projeto de imponência do CIEP como escola prestigiada por outras instituições públicas e particulares, de diversidade das atividades promovidas para toda comunidade escolar. Essas pessoas também acompanharam o ciclo de instabilidades a cada mudança de liderança no poder ou troca de diretrizes curriculares, o desmantelamento da proposta original dos CIEPs, caracterizando-se pela perda de laços com a comunidade escolar e a readequação de tal espaço, visando à homogeneização da rede. Por fim, presenciaram a decadência pedagógica, estrutural e material das estruturas dos CIEPs. A escuta, registro e análise dessas falas também me permitiram exercitar a reflexão sobre minha própria prática, enquanto professora. Nesse sentido, busquei refletir sobre o que motiva a todos nós, a insistir em uma carreira marcada por constantes ataques, por meio de políticas públicas em esferas federal, estadual e municipal de desvalorização.

Nessa perspectiva, trazemos à discussão, a fala do professor Jorge Roberto Maia. Jorge é um dos membros fundadores do CIEP 092 Federico Fellini e que, portanto, acompanhou a implementação das várias mudanças pelas quais passou o projeto dos CIEPs.

É... eu agora sou apenas professor regente, tem várias turmas pras quais eu dou aula, mas eu já fui diretor adjunto e também já fui coordenador pedagógico. (...) Eu comecei a trabalhar aqui no dia sete de abril de mil novecentos e noventa e quatro, véspera do meu aniversário. Então, a escola vai fazendo aniversário e eu vou fazendo aniversário também. E... é... eu comecei aqui com muita esperança, porque estava se iniciando um novo projeto, o programa dos Cieps, os ginásios públicos, né, voltados pro Ensino Fundamental, a segunda fase do Ensino Fundamental, e também pro Ensino Médio. A gente tinha muita esperança de que isso pudesse ser... dar certo, porque nós tínhamos um governo, na época o governo do Leonel Brizola, que sempre incentivava muito, se preocupava muito, dizia que a educação era uma prioridade no governo dele. Não só ele, como também o companheiro dele de luta, o professor Darcy Ribeiro, que também é um nome de referência na educação nacional. É... mas o projeto apresentou algumas dificuldades desde o seu início, porque nós tínhamos uma escola, mas não tínhamos muitos recursos. Era proibido, por exemplo, que nós usássemos livros didáticos, que a princípio seria uma coisa bem legal, que o próprio professor tivesse a obrigação e o compromisso de produzir o seu material didático. Como eu já fazia isso nas escolas particulares onde eu

trabalhava, então, eu achei uma coisa muito legal e comecei a produzir o meu material. Só que, naquela época, nós não tínhamos máquina xerox. Então, a gente tinha que produzir uma matriz pra rodar no mimeógrafo. Pré-histórico, né? Você deparava com tanta dificuldade na matriz. E aí, você rodava vinte cópias e a matriz queimava. Você tinha que fazer tudo de novo. E isso foi minando, não só isso, mas outras coisas, foram minando um pouco a nossa existência e o nosso entusiasmo. Mas a gente prosseguiu. O programa era muito legal, tem muita coisa boa nele, tá? Depois, a escola passou por uma mudança em que foi implantado um Ensino Médio regular nos moldes que ele existe até hoje: três séries de Ensino Médio – primeira, segunda e terceira –, a carga horária dos professores com cada turma ficou mais reduzida. Mas por nós termos um passado de luta dentro da escola, inclusive quando nós promovemos a troca da direção da escola, porque ela não nos servia e nem servia aos alunos e por... e esvaziou a escola. A gente tinha uma história de um passado de luta. Então, a gente usou essa nossa vontade, essa nossa capacidade de resistência, pra nós continuarmos trabalhando, mantendo a escola aberta, fazendo com que as nossas turmas aumentassem de alunos. E a gente teve muitos projetos bons na escola dos quais eu só falo se não tiver atrapalhando ou fazendo com que as minhas respostas fiquem muito longas, porque eu sou verborrágico, eu falo pra caramba. (MAIA, 2019)

Nesse trecho da entrevista, o professor Jorge Maia relata suas memórias acerca do processo de implantação do CIEP. Percebo que tais recordações emergem do relato, inevitavelmente atreladas às próprias memórias do depoente, acerca de sua iniciação no magistério. Essas recordações também são perpassadas pela afetividade, aspecto que se destaca quando Maia ressalta, como marco inicial dessa trajetória, o seu próprio aniversário natalício. Em sua fala, o depoente enfatiza, ainda, o caráter inovador do projeto de Darcy Ribeiro e Leonel Brizola como uma das forças que mantinha a coesão do grupo de professores que, com ele, participava desse momento. Apesar de se autocensurar como alguém “verborrágico”, dono de “respostas muito longas”, foram essas qualidades da narrativa de Maia que me permitiram perceber a importância do CIEP como espaço de exercício da cidadania e construção de laços de sociabilidades que conecta os múltiplos agentes que integram a chamada comunidade escolar... É isso que o entrevistado evidencia, quando afirma que:

Aqui tem um Ciep e por isso a gente sempre soube da importância que nós tínhamos, porque nós não éramos apenas uma escola que era um centro de... acadêmico, que formava alunos do Ensino Médio. Nós também éramos um centro irradiação cultural. Nós produzíamos teatro, nós produzíamos cinema, nós produzíamos desfile de moda. Tem o professor Francisco que depois vai dar o depoimento dele. Nós tínhamos projetos esportivos. Nós tínhamos o troféu Fellini, que convidava pra nossa escola alunos de várias escolas. Então, é o que a gente chamava de um intercolegial. E aí, é que eu digo sempre pros meus colegas e pros meus alunos: instituições são importantes, mas mais importantes do que elas são as pessoas. O projeto Fellini Modas, ele foi criado pelo professor Francisco e sustentado pela disposição e pela criatividade dele. Um dia ele precisou de que os seus alunos parassem de desfilarem no chão. Ele queria uma passarela. Alguém disse pra ele que eu sabia trabalhar com marcenaria. Aí, a gente construiu uma passarela. Sabe com o que? Com mesas de escola, as mesas do refeitório. E os alunos se

sentiam maravilhosos, porque eles estavam desfilando numa passarela que não parecia feita com mesas. Depois de forrado, parecia uma passarela profissional. E aí, veio a iluminação, veio os camarins. Então, ó, estava o professor Francisco criando o desfile e estava eu fazendo a engenharia. As pessoas é que fazem a diferença. Se a gente enche o saco e deixa de fazer, o projeto acaba. A mesma coisa o troféu Fellini, que era todo empurrado pela professora Palmira. Palmira foi embora. Foi pra outra escola. Foi morar mais longe. O projeto acabou. Então, as pessoas fazem a diferença. Tem que haver um grupo de alunos interessados sim, professores criativos, talentosos e capazes sim, mas tem que haver também uma direção na escola que diga “Faça que eu garanto e não te atrapalharei”. Isso não acontece agora. (...) (MAIA, 2019)

As recordações das memórias de Jorge Maia ecoam nas memórias de outros depoentes. Os professores Francisco Nascimento e Carmen Lúcia de Siqueira também apresentaram narrativas muito semelhantes. Segundo Nascimento,

Bom, durante muito tempo aqui no Colégio Federico Fellini, nós tivemos uma integração muito grande entre o corpo docente, ou seja, o corpo de professores; o corpo discente, que diz respeito aos alunos; e a comunidade local. E nessa comunidade local inseridos também ex-alunos da escola. Eu acho que, em parte, isso se deve não só pelos laços afetivos que uniam essas pessoas e que, de uma certa forma, ainda unem, né, com menos intensidade talvez, mas ainda unem. Mas eu acredito que pela presença aqui, pela possibilidade de que nós todos tivemos, eu e vários colegas meus, de trabalharmos de uma maneira alternativa dentro desse colégio. O que eu quero dizer com isso? Nós vivemos uma época praticamente dourada aqui dentro, onde nós tínhamos inúmeros projetos socioculturais e que atraíam enormemente os alunos que estavam matriculados, os ex-alunos, os familiares desses alunos e outras pessoas que nós não conhecíamos, colegas, vizinhos dos alunos, que eram trazidos aqui por eles. Esses projetos revolucionaram a ligação que os alunos mantinham, mantiveram durante muito tempo com este colégio. Os alunos tinham as aulas tradicionais, mas, paralelamente, eles tinham a oportunidade de participar de co-projetos, mas projetos duráveis. Como, por exemplo, um projeto social de moda chamado Fellini Modas, que eu coordenei durante muitos anos e não coordenei sozinho. No início, eu coordenei sozinho, mas, logo depois, outros professores se juntaram a mim e me ajudaram a transformar este projeto naquele que é considerado até hoje talvez o melhor e maior projeto que já teve aqui, porque ele mexia com todos os segmentos da comunidade local. Alunos, ex-alunos, familiares de alunos, amigos, vizinhos, pessoas que estudavam aqui, pessoas que estudavam em outras unidades escolares que eram bem-vindas aqui desde que quisessem trabalhar conosco. A moda era apenas um pretexto para atrair os jovens que na realidade o objetivo principal era trabalhar a atitude comportamental, trabalho em equipe, cultura, descobertas. Enfim, nós tivemos também outros projetos de grande... ah... voltando um pouco ao Fellini Modas. Quando eu digo que não trabalhava sozinho, eu trabalhei em equipe com pessoas que me ajudaram muito, pessoas que ainda estão aqui e outras que já saíram, como por exemplo, o animador cultural Henrique Silva, que não mais trabalha aqui, uma das professoras de Artes chamada Guiomar, que depois também se retirou, o professor Jorge Roberto, que ficou muitos anos coordenando este projeto junto comigo, o professor Fábio Rodrigues de Artes também, e podemos contar com uma participação efetiva da nossa secretária Áurea Valverde, da professora Carmen Lúcia de Siqueira, que hoje em dia trabalha aqui como articuladora pedagógica, e de inúmeros outros profissionais que nos ajudaram em menor ou maior grau. Tivemos, paralelamente a este projeto, o projeto Vozes do Fellini, que era um projeto de Música muito sério e durável também. Ele teve uma sobrevida longa. Não tão longa quanto o Fellini Modas, mas ele sobreviveu e mostrou seus frutos aqui dentro.

Tínhamos também o Troféu Fellini, que era uma revolução na Educação Física aqui dentro. Nós organizávamos campeonatos das mais variadas modalidades esportivas com a participação de colégios convidados. E isso tudo era de parar a escola durante uma semana, mas sem esvaziamento, porque mesmo os alunos que não queriam participar ativamente das atividades esportivas, na quadra ou fora dela, vinham prestigiar. Nós tínhamos torcidas organizadas. Torcidas no plural. As coisas funcionavam de uma maneira diferente. Nós tínhamos uma piscina em pleno funcionamento. Tivemos uma piscina em pleno funcionamento durante muitos anos. Então, essa piscina... eu não entendo muito de piscina, eu nem sei nadar. Se eu cair numa poça d'água eu morro afogado (risos). Mas essa piscina tem o tamanho olímpico, tem dimensões olímpicas. Então, nós tínhamos também disputas de natação. Dentre outras coisas. Tivemos também uma companhia de teatro, que foi um espetáculo, coordenada pelo professor Jorge Roberto, que era a Companhia Café. E era muito interessante que, acho que, noventa e cinco por cento dos alunos que participavam do Fellini Modas também participava da companhia de teatro. O que era ótimo para mim, porque a moda é interpretação também. Não é só você botar uma roupinha e desfilar na passarela. Tem todo um trabalho até chegar lá. Então, a gente trabalha com expressão facial, expressão corporal, com interpretação e tudo o mais. Então, era um trabalho complementar ao meu. Sem contar que todos esses projetos trabalhavam por temas. E esses temas eram exaustivamente pesquisados e trabalhados, discutidos, entre os membros participantes. Então, quando nós chegávamos na culminância, no momento de mostrar o resultado desse trabalho a coisa tinha muita consistência. (NASCIMENTO, 2019)

A professora Carmen Lúcia também rememora a sua trajetória profissional, no CIEP 092 Federico Fellini, desde que entrou para o magistério na rede estadual do Rio de Janeiro:

Eu fui da primeira turma de concurso, concursados do Estado, para lecionar nesta Instituição. Nós fizemos o concurso de mil novecentos e noventa e três e começamos a trabalhar aqui a partir de março de mil novecentos e noventa e quatro. Portanto, eu tenho vinte e cinco anos é... de Federico Fellini. Aliás, mais de vinte e cinco anos. Estou quase completando vinte e seis anos de Federico Fellini. Quanto a minha experiência, é... acredito que seja a experiência dos meus colegas que estão aqui durante todos esses anos. Nós viemos pra cá através do único concurso que o Estado promoveu até hoje para desenvolver um trabalho especial. Um trabalho é... que teve como carro-chefe, né, as ideias do professor Paulo Freire, as ideias construtivistas de Emilia Ferrero e outros. Que começou mais atrás deles, o professor Anísio Teixeira. E acredito que o grupo que fez esse concurso, inclusive eu, pelas minhas crenças, eu acredito que esse grupo, que chegou aqui junto, não deveria ser aquilo que realmente o Estado brasileiro gostaria de ter como profissionais, porque eram e são pessoas... e eram e são pessoas que acreditam num tipo de educação que valoriza o papel do seu fazer e acredita no desenvolvimento do seu aluno, acredita que a Instituição pública, né, de público, é do aluno. A pessoa mais importante dentro dessa Instituição são os alunos e não o chefe da Secretaria de Educação, da Metropolitana, do Governo do Estado ou o diretor da Instituição ou os diretores da Instituição. São pessoas que pensam, fazem, falam e praticam aquilo que eles acreditam que seja melhor para os seus é... alunos, para a comunidade escolar. E... nem todos que fizeram esse concurso, há vinte e cinco anos, estão aqui hoje. A maioria já estão em outros locais, muitos já não estão mais nem na Educação. Mas, aqueles que ficaram na Instituição, eu acredito que até hoje tenham essa postura. No início, aqui era um ginásio público. E aqui eu... e desse ginásio público o ensino era em horário integral. E nesse concurso... esse concurso foi pensado para o bem-estar e para um aprendizado integral dos alunos. Os alunos ficavam aqui o dia todo. De sete da manhã até as dezoito horas. Com todas as suas necessidades atendidas. Então, acho que o grupo é... multidisciplinar e multifuncional que entrou nesse concurso. Era

muito grande. Nós tínhamos biblioteca com bibliotecário e auxiliar de biblioteca funcionando plenamente. Nós tínhamos jardineiros, porteiros, inspetores. É... toda a equipe de apoio, almoxarife e os professores de todas as disciplinas inclusive de Língua Espanhola, que nós não temos atualmente. Então, nós tínhamos professor de Língua Francesa, professor de Língua Inglesa, professor de Espanhol, professor de Desenho Geométrico, professor de Artes, Artes Plásticas e de Artes Cênicas. E todos os da grade curricular. Então, vocês devem imaginar, pelo que nós tínhamos e foi colocado em prática, que o que nós temos hoje... quantas perdas nós tivemos ao longo de vinte e cinco anos. Ao invés de vinte e cinco anos acrescentarem para que hoje a Instituição funcionasse melhor ainda, nós fomos perdendo, perdendo, perdendo, e nós chegamos no nível que estamos hoje. Sem inspetores, sem segurança. E com toda a violência que existe no entorno, na cidade, no Estado, no país. E nós temos... tivemos que nos adaptar às mudanças. (SIQUEIRA, 2019)

Nas lembranças dos professores Maia, Nascimento e Siqueira, fica evidente, a oposição entre passado e presente, entre o que acontecia e o que “não acontece agora”. Da mesma forma, destaca-se o reconhecimento, presente nas três falas, do protagonismo de indivíduos que fazem parte do cotidiano escolar – os estudantes, seus pais ou responsáveis, professores-regentes, equipe diretiva e pedagógica... - enquanto agentes da história escolar. Leonor Arfuch (2010) afirma que o trabalho com entrevistas, visando à produção de fontes para a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, traz consigo a marca de uma autoria conjunta, surgida a partir da interação estabelecida entre entrevistador(es) e entrevistado.⁴ A questão da autoria conjunta orientou esse trabalho, na medida em que a vivência comunitária dos próprios estudantes e das reflexões realizadas durante esse período, me impulsionou em direção à produção de uma narrativa histórica que incentivasse a problematização a respeito das múltiplas formas de se pensar o pertencimento ao local, colocando em evidência uma das funções da história e de seu ensino, qual seja, a produção de sentido ou orientação para a vida.

Essas reflexões reforçaram meu questionamento acerca das memórias de nossos entrevistados, sobre a visível decadência de um projeto que trazia consigo grandes expectativas e que chegou a proporcionar vivências muito positivas, como demonstram as falas elaboradas pelos três professores entrevistados. Gostaria de destacar, de acordo com as mobilizações narrativas de meus entrevistados, os aspectos aos quais eles atribuem esse fracasso. Nesse sentido, retomo a fala do professor Jorge Maia, destacando que:

Os projetos como o Fotoarte do professor Francisco, ele não quer mais fazer. O projeto, como o meu, que eu levava até poucos anos... que era de vídeo, ou seja, era um teleteatro. Também não quero mais fazer. Primeiro, eu tô esperando uma direção que me dê condições de trabalho. Não é pra ficar me papariando, não, que eu não

preciso disso. Mas que me dê condições de trabalho e que não me aporrinhe e que me deixe trabalhar. Aí, eu pensarei “Essa direção vai me ajudar, vai colaborar comigo pra eu fazer o meu trabalho com os meus alunos”. Porque ensinar literatura com textos é muito bom, mas ensinar literatura fazendo com que seu aluno interprete um texto, fale esse texto, interaja com colegas em cena, com cenário, com uma cortina no fundo, com uma luz, é outra coisa. É fazer uma leitura do texto que é muito mais profunda e isso é extremamente gratificante, mesmo que a gente faça esse trabalho sem ganhar um centavo a mais do que o nosso salário e, muitas vezes, a gente ainda gasta o nosso dinheiro. Então, pessoas são tudo. Ou não são nada quando desistem. (MAIA, 2019).

Em seu relato, o professor, tomando como base sua própria experiência profissional, analisa as mudanças que, em sua opinião, contribuíram de forma significativa para o processo de desmantelamento do programa original dos CIEPs. Ele busca entender como essa “decadência”, que atingiu a proposta pedagógica dos CIEPs de uma forma geral, alcançou o Ciep 092 Frederico Fellini e sua comunidade escolar. Tal alcance é destacado também na fala de Francisco Nascimento, o “professor Francisco”, citado por Maia acima:

O que a gente começou a ver timidamente de dois mil e oito pra cá é que começou a haver uma confusão entre evento e projeto. Você fazer uma festa num dia tal, por melhor organizada que ela seja, ela não é um projeto, ela é um evento. Você fazer um pequeno número de dança, ali, pra animar a escola, o que eu acho super positivo, isso não é um projeto. Isso é um evento. Então, o evento, ele pode ser pontual. Ele pode não ter nenhuma sequência nem consequência. Ele pode se restringir a uma única data. Agora, um projeto não. Projeto é uma gestação. Você praticamente gere esse filho durante nove meses, depois você tem que mostrá-lo à comunidade. Então, o projeto tem um caráter revolucionário. É ele que vai interferir positivamente no comportamento e na mentalidade de todos aqueles envolvidos. Professores, funcionários, alunos, ex-alunos, comunidade local. A própria Secretaria Estadual de Educação com os seus representantes e Coordenadorias Regionais Metropolitanas de Educação acho que, ao longo do tempo, começaram a confundir eventos com projetos. E nos sugerir, digamos assim, uma série de eventos vestidos de projetos, onde o tempo de gestação era tão curto que não configurava nem uma gravidez de risco. Não chegava nem a três meses pra gerir. E diante do fato de que nós trabalhamos, quase todos nós, com uma carga horária muito grande, os nossos alunos têm que produzir projetos, digamos assim, e essa nova modalidade de projeto... mas eles também têm aula, eles também têm que estudar, eles também não estão livres da sala de aula e das suas obrigações como corpo discente. Então, o tempo de gestação encurtou, mas a exigência de produção e de mostragem aumentou. Então, muitas ideias boas nos são sugeridas, mas a gente tem muito pouco tempo pra colocá-las em prática. Nós não dispomos de tempos livres para produzir projetos. A gente tem que produzir isso enquanto a gente tá dando aula da mesma maneira que os alunos têm que se virar nos trinta para poder fazer os... os atuais projetos e, ao mesmo tempo, estudar e tirar boas notas e não ficar em recuperação. Tudo se afunilou. (NASCIMENTO, 2019).

Na fala desses professores, observei a importância de que se entenda o processo de precarização do trabalho docente como chave fundamental para que se possa entender a dinâmica maior e mais abrangente do colapso da proposta dos CIEPs. Questões como a supressão de disciplinas do currículo regular, excessiva carga-horária de trabalho, defasagem

salarial combinada à falta de recursos materiais que, infelizmente, caracterizam a maioria das escolas públicas do país, a falta de incentivo ou da colaboração de coordenações e direções são aspectos elencados pelos professores nas entrevistas e dos quais, ainda que em pouco tempo de magistério, sou testemunha. A questão dos recursos materiais e/ou financeiros é enfatizada de forma veemente, por Nascimento:

E uma outra coisa também: a verba, a grana, o dinheiro, para financiar tantos e tantos e tantos novos projetos de acordo com os novos formatos. Projétilhos pequenos. Até para um pequeno evento você precisa de dinheiro. E eu, como todos os colegas já citados e até alguns que eu esqueci de citar, sempre abrimos a carteira e tiramos do nosso bolso. Muito e muito dinheiro para financiar projetos de verdade, aqueles que têm uma sobrevida, uma continuidade. Recentemente, de dois mil e treze até dezembro de dois mil e dezoito, eu coordenei aqui neste colégio o projeto FotoArte, que foi um projeto de fotografia. Eu não coordenei isso sozinho. Eu coordenei com o professor Alexandre Freitas, de Educação Artística. Inúmeras vezes, eu e ele e vários outros professores que sempre nos apoiaram abriram a carteira para contribuir financeiramente para a subsistência desse projeto. Vários professores aqui presenciaram o resultado desse filho, gerido depois de nove meses. Ou seja, nós estamos num contexto onde existem pequenos eventos que se passam por projetos. Mas o que eu fiz com o professor Alexandre Freitas até dezembro do ano passado foi um projeto de verdade. Ele tinha um início, meio e um fim. E o fim... e, depois desse fim, era a culminância. E depois uma reflexão sobre o que foi feito, um novo aprendizado pra gente recomeçar de uma maneira diferente. Isto é um projeto. Algo que deixa uma bagagem com você e que te faz refletir e se alterar, e se enriquecer enquanto ser humano. Quando você não tem tempo nem pra fazer, você não tem tempo pra refletir sobre o que você fez. E, talvez, as influências sobre você sejam... elas não são inexistentes. Elas existem, mas elas são muito menores. E, às vezes, não por culpa dos alunos, tipo assim, “ah, acabou, acabou”. Mas, na realidade, um projeto, quando ele acaba, ele não acaba. A outra etapa já começa imediatamente. Então a gente não tem tempo pra respirar. Graças a Deus, esse projeto terminou no ano passado. E o que que aconteceu com todos esses grandes projetos? Eles foram morrendo. Eles foram morrendo porque os professores não aguentavam mais gastar tanto dinheiro. Eu falo dinheiro mesmo, grana alta. Em torno, às vezes, de mil reais pra financiar por baixo um projeto. Eu tenho todas as notas fiscais de tudo que eu gastei de noventa e quatro até agora. E a contribuição da escola, ela acaba sendo sempre muito pouca. Ela se limita a um ou outro material de decoração, que não vem em quantidade suficiente para esses projetos. Então, você tem que se dividir com esses vários projetos que coexistem pra que o material sirva para todo mundo. Então, já começa esse problema da infraestrutura e, às vezes, você quer fazer uma coisa maravilhosa e você não tem nem uma sala disponível para fazer isso. Então, tudo começou a ser inviabilizado. A partir do momento que a gente não tem os subsídios para criar os projetos como a gente gosta de criar e a gente também não tem um estímulo das autoridades competentes para continuar criando e gastando dinheiro e não se importando com isso, a gente acaba parando. No... esse ano eu estou repousando nesse aspecto, mas não estou me furtando a colaborar com meus colegas que querem e continuam metendo a mão na massa pra fazer alguma coisa. Mas eu, este ano, estou cansado. Então, o projeto FotoArte não está acontecendo esse ano. Não sei se ele voltará no ano que vem, mas eu sei que, se ele voltar, eu vou continuar gastando uma grana pra que ele saia do papel. Então, eu acho que todos esses projetos atraíram muitos alunos pra este colégio, porque as inscrições eram feitas, inclusive para o Fellini Modas, na secretaria e as secretárias nos contavam que os alunos chegavam e falavam assim “ano que vem, eu vou estudar aqui, porque aqui tem muitos projetos e o meu colégio não tem dessa forma”. Isso era um diferencial desse colégio. (NASCIMENTO, 2019)

Sandra Selles e Everardo Andrade (2016) ressaltam que a regulação da autonomia docente se dá em torno de cinco eixos: o primeiro compreende o Estado, por meio da burocracia estatal e das políticas públicas em educação. O segundo, diz respeito ao mercado, por meio da lógica mercantil e privatista em educação e da indústria cultural. O terceiro são as interações entre a pesquisa acadêmica e seus impactos na Educação Básica. O quarto é concernente ao currículo e a própria estrutura disciplinar do trabalho docente, envolvendo demandas internas e externas. Por fim, o quinto eixo está intimamente ligado ao movimento social dos professores e as iniciativas de organização e de mobilização sindical, numa perspectiva ético-profissional. Dentre tais eixos, as falas dos entrevistados dão destaque para dois: as mudanças relacionadas às intervenções estatais que, por meio do abandono e/ou sucateamento de políticas públicas educacionais ao decorrer das sucessivas gestões, nem sempre do mesmo espectro ideológico, contribuíram para aquilo que eles identificam como decadência do modelo do CIEP. Também destacam o quarto eixo, na medida em que, como as falas nos permitem perceber, as mudanças curriculares operadas ao longo dos mais de vinte anos de exercício do magistério no CIEP acabaram por provocar um esvaziamento da unidade escolar, na medida em que foi extinto o ensino integral e, assim, reduzida ou mesmo suprimida a carga horária de diversas disciplinas. E em especial o tempo para a criação, desenvolvimento e produção dos projetos tão característicos do CIEP 092 Federico Fellini.

Ademais, os professores também acompanhavam as mudanças que circundavam o CIEP no bairro de Tomás Coelho e observavam o aumento da violência no entorno da escola, a pauperização do bairro, as transformações estruturais como a inauguração da estação de metrô Thomaz Coelho em 1996 e da construção do Viaduto Tio Chiquinho em 2012, a fuga de indústrias e comércio na região, a ampliação das áreas de ocupação irregular, a falta de ação de políticas públicas em segurança e lazer. Tais questões também são enfatizadas como forças atuantes na mudança negativa que identificam na trajetória do CIEP. Além dessa questão já ter sido mencionada na fala da professora Carmen de Siqueira, ela também aparece do relato da professora de geografia, Viviane Lavandeira:

Todo ano, eu faço um trabalho com as turmas de primeiro ano sobre a história de Tomás Coelho e, analisando essa história, você percebe que ele é um bairro, assim como outros da Zona Norte, um bairro em que... que é muito... em que o Estado se omite bastante. Se omite em relação aos serviços públicos básicos, mas atua, né, com a... com seu braço armado, com a PM nas comunidades. Isso acontece em várias... em vários, em vários bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro. Vários bairros do Rio de Janeiro como um todo. Só que em relação a Tomás Coelho tem uma questão específica que eu trabalho com os alunos. O bairro de Tomás Coelho foi construído a partir de vias de comunicação e transporte pra exploração, né. Se você pegar a estrada... nós trabalhamos a... a história de construção dessas estradas que cercam o Ciep. A maior parte delas foi construída para a exploração portuguesa,

para um domínio português. Por exemplo, a Martin Luther King Jr. foi construída lá por volta do século dezoito. Ela é a estrada de Minas que contribuía, né, pro escoamento das pedras preciosas de Minas Gerais pro porto do Rio de Janeiro. Então, o bairro de Tomás Coelho foi criado pra ser... pra permitir esse saque, né, esse roubo. Isso se perpetuou no tempo, né. Um bairro abandonado que é feito de estrada... estradas. É um bairro pra locomoção. Não para estar ali. Então, o Ciep cumpre uma função muito importante de trazer identidade, valor pra esse bairro. Você percebe que os alunos que estudam aqui não são só do bairro de Tomás Coelho. São de bairros próximos também. Vindo ao Ciep, eles conhecem um pouco mais sobre esse bairro, né. Estudando o Ciep, que faz alguns projetos sobre o colégio, sobre o bairro, sobre o Federico Fellini, eles passam é... a construir mais conhecimento sobre o bairro de Tomás Coelho, a Zona Norte, linkando com a história do Rio de Janeiro e do Brasil. Então, a função do... desse Ciep para o bairro é fazer com que esse bairro vá além de ser um bairro de passagem, de transição, de transporte, né. É um bairro que também pode ser usado para a educação, pra trazer mais pessoas pra cá, pra dar... é um bairro que traz uma outra identidade... é um Ciep que traz uma outra identidade para o bairro. É isso que eu acredito. (LAVANDEIRA, 2019)

A professora Viviane, diferentemente de Jorge, Francisco e Carmen, não faz parte da primeira geração de professores do Federico Fellini. Entretanto, sua fala também demonstra a compreensão acerca do CIEP como lugar de referência positiva no bairro, na medida em que se torna, especialmente para os adolescentes e jovens, um polo irradiador de atividades educativas e culturais, apontando para o redimensionamento do próprio entendimento de Tomaz Coelho como um bairro de passagem. Em diálogo com Maurice Halbwachs, Sandra Selles e Tatiane dos Santos (2019) destacam que:

a memória dos professores pode estar tão ligada ao social, que suas lembranças permanecem coletivas e intrincadas nas lembranças dos outros, mesmo que sejam eventos e objetos que só eles viram ou em que só eles estiveram envolvidos, porque a profissão docente se carrega de sua dimensão coletiva, mesmo com a heterogeneidade dos seus sujeitos. (SELLES; SANTOS, 2019, p.73)

Dessa forma, Viviane Lavandeira demonstra empreender um esforço para que, por meio de suas aulas de geografia, propicie a reflexão dos estudantes acerca do passado e do presente do local onde moram e estudam. Porém, como promover tal reflexão, enquanto o colégio se tornava, explicitamente, local de abandono⁵, de atos de vandalismo⁶, de descaso do

⁵ Em janeiro de 2017 os moradores de Tomas Coelho denunciaram no programa jornalístico Bom Dia Rio da emissora Rede Globo as condições precárias que se encontrava a piscina do CIEP, alegando ser ali um foco de procriação do mosquito *Aedes aegypt*, e que diversos moradores estavam doentes com dengue por conta da negligência do CIEP na limpeza e conservação do espaço. A reportagem está disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5569394/> ou <https://www.facebook.com/vozetomascoelho/videos/1079961318815899/>

⁶ Desde o meu ingresso em 2015 o Ciep 092 Federico Fellini sofreu com diversos ataques de vandalismo e furtos. Episódios que se repetiam com frequência e avançavam nas consequências materiais e exigiam cada vez mais gastos e reforços na segurança do local. O último episódio se deu em 30 de junho de 2020 período no qual as escolas estavam funcionando com acesso muito restrito e as aulas eram oferecidas de forma remota devido a pandemia da COVID-19. A escola foi totalmente saqueada: todos os eletrodomésticos do refeitório, painéis,

poder público, de insegurança, em especial aos finais de semana, quando o local fica sem supervisão?

Diante do contexto social em que está inserida a unidade escolar e o bairro, ambas vítimas de descaso governamental, em meio a falta de perspectiva, vale lembrar que o CIEP 092 Federico Fellini resistia e tentava de algumas formas, como pequenas atividades, ativar uma centelha desse passado relatado pelos professores mais antigos, nos alunos e demais discentes. O intuito é promover novamente o CIEP como um ponto de referência para a comunidade local. Isso ficou evidente na fala do ex-aluno do CIEP, Andrey Marlon da Silva Costa. Andrey ingressou no colégio no ano de 2016, oriundo de escola particular.

Eu frequento bastante aqui o local. Bastante. A importância pra mim tem duas vertentes, né. O lugar é... o lugar é lugar de periculosidade um pouco bem alta. Mas é muito legal porque que a interação que a escola faz com as comunidades aqui ao redor foi muito boa. Tanto antes de eu estudar aqui. Já tiveram vários projetos de interação com a comunidade. Eu acho bastante interessante, porque isso ajuda muito a evitar certos problemas, porque, por exemplo, acho que a maioria do pessoal que estuda aqui mora na redondeza, ou seja, fazer essa... essa comunicação é importante. Acho muito bacana. (...) Comecei a estudar, é... conheci a escola. A princípio, no momento, eu fiquei meio na retaguarda, né, porque era uma escola... além de ser escola pública, e eu tinha vindo de uma escola particular, eu tinha um certo receio, né, de como seria a escola pública. Eu tive péssimas experiências nas escolas particulares, porque eu tive muito, muito... como posso dizer, muitos encontros ruins. E, depois que eu entrei na escola pública, cara, eu me identifiquei de uma maneira que foi, foi assim, estrondorosamente... porque, quando eu entrei, no primeiro ano aqui na Federico Fellini, eu conheci pessoas muito legais, muito bacanas, gente que... gente que, assim, interagi comigo da mesma forma que eu interagia com eles, né. A comunicação... e com o tempo, né, depois que eu comecei a conhecer a escola, né, porque... vou ser sincero, quando eu entrei aqui, eu entrei com um preconceito, um preconceito terrível sobre a escola. “Ah, a escola só tem maluco, só tem mal...”. Eu imaginava os alunos pulando na mesa “AHH!”. Todo mundo maluco, mas aí... mas aí, quando eu entrei, eu vi que não era exatamente isso. Um pouco também, né, porque tinha aluno que realmente era bem, bem maluquinho mesmo. E, no decorrer desse tempo, depois que eu comecei a conhecer a escola mesmo, a fundo, eu vi que, cara, tinha muita coisa boa. (...). Cara,, foram as pessoas que me abraçaram. (...) Depois que eu entrei pra sala de leitura, né, o projeto da sala de leitura, cara, eu cresci assim... eu cresci no modo cultural, porque a sala de leitura me trouxe muitas coisas boas. Além de a vontade de ler, eu nunca tive, eu despertei aqui. Eu passei a ler bastante livro. E a vontade de participar dos projetos, que tinham muitos. Cara,,tinha muito projeto! Tinha muito projeto mesmo. Hoje em dia, não sei se tem, porque como eu não tô mais aqui, eu não tô mais vendo o que acontece. Mas, antigamente, tinha muito projeto. Tinha o projeto do PNE, tinha o projeto da professora Rita, que a gente fazia com muito... com um pessoal, o pessoal se levantava pra fazer, o pessoal se esforçava muito pra botar o projeto pra frente, pra fazer. E era muito bacana isso. E eu, com relação ao tempo da escola, eu vi que a escola tinha alguns problemas, mas era problemas, assim, que a gente tinha que era decorrer a infraestrutura da escola, que melhorou bastante até o momento, né. Melhorou bastante a escola. (Inaudível), muita coisa. Mas antigamente a gente, po, a

talheres, computadores, Data Show, toda fiação elétrica, bomba d’água da casa de máquinas da piscina, lâmpadas, ar condicionados, bicas, bancadas de inox e equipamentos de limpeza. O secretário estadual de educação na época, Pedro Fernandes, esteve no CIEP para avaliar os danos e calcular a verba necessária para o reestabelecimento das atividades.

gente resistia, a gente gostava de estudar. Eu era do Nova Geração, cara, o Nova Geração era muito maneiro. A gente passeava, as aulas eram muito interativas, eram muito bacana. E depois disso foi me interagindo com a escola e eu falei “Cara, mano, eu preciso, sei lá, eu preciso me interagir mais com a escola, acho que pra mim isso aqui é muito pouco”. Que aí, foi nesse momento, que eu entrei pro grêmio, né. O grêmio da escola já tava um pouquinho já caidinho. O pessoal que tinha... tava no grêmio já não... não tava mais firme. Aí, depois que eu entrei, né, a gente fez uma chapa e tal. E aí, a antiga presidenta do grêmio, né, representante, ela voltou, a Larissa, ela voltou com a gente. Aí, po, a gente fez. A gente chegou até a fazer a última festa junina aqui na escola, que foi muito bacana. Foi muito legal também, a gente se divertiu muito. E, depois desses anos, a gente foi fazendo os projetos, né. Até o terceiro ano aqui na escola, a gente fez bastante projeto. Depois que eu comecei a trabalhar e essas coisas assim, estudar, eu parei um pouco, né, de fazer os projetos porque também, né, precisava estudar e focar um pouco mais na minha vida profissional. E aí, depois eu fui pro turno da noite, né, pro terceiro ano. Eu fui... eu estudei a noite e foi onde encerrei o meu ano aqui de glória na escola. Eu consegui, graças a Deus, eu passei. Não repeti em nenhuma matéria. E aí, foi a formatura. (...) E hoje estou aqui. Ou seja, concluindo: Federico Fellini, cara, assim, eu não posso negar que faz parte da minha história. Foi onde eu conheci muitas pessoas legais. Foi onde eu conheci professores muito legais, pessoas muito bacanas. Foi onde eu conheci a (Mote), foi onde eu conheci o meu amor. Foi onde eu pude desenvolver muitas amizades com muitas pessoas bacanas. E, no decorrer do tempo, eu saí da escola, mas, cara, têm coisas da escola que tá em mim ainda, sabe. Coisas que, por exemplo, eu gostava de fazer peça de teatro, eu gostava de dançar. Cara, eu não gosto de falar muito, porque tem muita gente que me chama de metido, mas eu fazia bastante coisa na escola, eu dançava, eu cantava, eu fazia peças de teatro, eu fazia parte da instrução do movimento daqui. (...) Tanto essas coisas que eu fiz como as pessoas que eu conheci, que são os amigos que eu adquiri aqui. Eu tenho até hoje, cara, são os melhores. Eu acho que aqui foi o ano que... os anos que marcaram minha vida. (COSTA, 2019)

O depoimento de Andrey ratifica aspectos que já havia aparecido nas falas dos professores: o CIEP, muito além de espaço de educação formal, também deve ser pensado como espaço potente para o desenvolvimento de habilidades artísticas, trocas culturais e exercício de sociabilidades. Em um bairro que, como mencionou Lavandeira, “é um bairro pra locomoção. Não para estar ali”, identificar a perda gradativa dessa dimensão, no meu local de trabalho, me provocou viva inquietação. Desse modo, foi com a sensação de frustração e incomodo que permaneceu na minha prática docente sobre aquela primeira pesquisa sobre o bairro – que a turma ficou muito desconfortável com o tema e os resultados – que motivou a intenção de realizar uma nova tentativa de abordagem e que escolhi não desistir da temática, apenas fazer alguns ajustes como trazer o foco do bairro Tomás Coelho para o CIEP – sua história e seus personagens por meio da História Local – e ter os alunos como protagonistas desse projeto. Aliás, como vimos acima nas entrevistas: os *projetos* eram e são a força propulsora dos CIEPs.

CAPÍTULO 2: Tomás Coelho e o ensino de História Local

O interesse em pesquisar sobre a História Local associado ao Bairro Tomás Coelho, onde situa-se o CIEP no qual trabalho, esse tema foi acrescido pelo fato de não haver nenhuma indicação ou sugestão na diretriz curricular da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, intitulada Currículo Mínimo, sobre conteúdos relacionados a essa modalidade para os três anos do Ensino Médio. De acordo com Caimi (2015) a História já não se limita mais a perspectivas totalizantes que privilegiam as abordagens político-administrativas e econômicas, trazendo atualmente uma interação com a História Cultural e Social, uma aproximação com as histórias do cotidiano e com a micro-história, rompendo com as hierarquias rígidas entre tais perspectivas de aproximação da História. Dessa forma, a autora salienta a importância do surgimento de novos temas no ensino de História como a História Local que possam funcionar como uma estratégia de aproximação da História com os alunos, bem como de inserção e valorização dos indivíduos no processo histórico. Assim, neste capítulo, aprofundarei questões referentes ao conceito de História Local, além de suas aproximações com a micro-história, compreendendo que ambos os conceitos estão inseridos no contexto de renovação mencionados pela autora citada.

2.1. A História Local como estratégia potente para o Ensino de História

Segundo a autora lançar mão da História Local no ensino de História

“Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico, a partir de proposições que tenham a ver com os interesses dos alunos, suas aproximações cognitivas e afetivas, suas vivências culturais; com as possibilidades de desenvolver atividades vinculadas diretamente com a vida cotidiana, entendida como expressão concreta de problemas mais amplos.” (SCHMIDT, 2007, p. 190)

Para a realização desta pesquisa, centraremos nossa discussão em uma parte da bibliografia produzida sobre o uso de História Local no ensino de História. De acordo com Barbosa é fundamental pensar sobre a aplicabilidade do ensino de História e História Local para os alunos e professores. O primeiro ponto discutido pela autora diz respeito sobre os currículos da disciplina que ainda são estruturados pela tradição francesa – iniciada no século XIX – focando no ensino de uma História linear, quadripartite que servia de modelo para as ditas nações civilizadas (BARBOSA, 2006).

Dessa forma a estruturação dos currículos privilegiam um modelo eurocêntrico, deixando de lado outras formas de organização e ensino de História como o caso da Grécia e China. Barbosa atenta para a importância da periodização e organização do tempo para tornar a aprendizagem compreensível aos alunos, mas ressalta que a imposição de modelos já prontos para outras sociedades tende ao fracasso por não dar conta da realidade. No caso do Brasil, a autora destaca que a partir de 1980 os currículos trabalham com o conhecimento escolar como o acúmulo de informações por meios da memorização mecânica enfatizando os atos individuais e personalidades isoladas que exaltavam o patriotismo em detrimento de outros grupos sociais “O passado é uniformizado, excluindo qualquer forma de participação comunitária, ou de agentes sociais que não os dominantes”. (BARBOSA, 2006, p. 58)

Haja vista a exclusão de outros atores sociais no ensino de História, Barbosa ressalta que esse silêncio e desconsideração do valor da comunidade na História oficial acaba por impor valores e memórias que são desconexos com a vida dos educandos e os fazem sentir o não pertencimento enquanto sujeitos participantes do processo histórico.

“Não é por outro motivo que observamos, ainda nas últimas décadas do século XX, que, para a maior parte dos estudantes brasileiros, o estudo de história carece de sentido ou utilidade; [...] Não é de se estranhar que assim seja, porque ocorre a enorme distância entre a realidade vivenciada pela comunidade e o tratamento dado ao ensino de História, já que o aluno se torna mero espectador de fatos, não necessitando esforços no sentido de qualquer reflexão ou elaboração.” (BARBOSA, 2006, p. 58)

Contudo, a autora aponta que um cenário de novas reflexões acerca do ensino de História está em amplo crescimento na academia como muitos grupos de trabalhos, laboratórios e simpósios temáticos, entretanto o maior desafio atualmente é utilizar esses conhecimentos em sala de aula. A necessidade de superar o eurocentrismo para Barbosa está na força conjunta entre conhecimento acadêmico e conhecimento escolar que apesar de serem espaços de produção de conhecimentos diferentes, possuem uma relação intrínseca que ultrapassa uma “simples” transposição didática.

A problemática para qual autora sinaliza é o fato de ser no espaço de conhecimento escolar onde mais encontramos os resquícios da historiografia eurocêntrica e isso envolve uma série de fatores como: os currículos escolares formulados pelas secretarias municipais/estaduais e os livros didáticos que obedecem às demandas de uma indústria cultural e editorial. Barbosa identifica por meio de entrevistas com professores de História a dependência do uso de livro didáticos como forma solução para um problema, que a mesma, considera grave: ensinar aos alunos aquilo que é totalmente diferente do que o docente

aprendeu na academia. Ao constatar que a formação acadêmica não tem sido suficiente para capacitar os professores nas escolhas de conteúdo e metodologias para serem utilizadas, os resultados ficam limitados e não há a exploração de novas formas de ensino-aprendizagem.

Desse modo, a autora desenha um caminho para um ensino não tradicional e decorativo da História no qual a seleção de conteúdo a ser apresentado aos alunos privilegie a experiência humana mostrando as permanências, mudanças e transformações ao longo do tempo. É importante que os alunos entendam a História de forma dinâmica, que eles possam ver sentido em aprender aquilo e se sintam participantes desse processo. Barbosa chama atenção para um “ensino expressivo” no qual o aluno possa compreender e interpretar sua realidade social.

Por meio da História Local, Barbosa vislumbra uma das opções de fazer com que o aluno se perceba como sujeito no processo histórico. Seu enfoque nesse artigo são os currículos do Município e Estado da Paraíba que trazem a História Local tanto para o Ensino Fundamental, bem como para o Ensino Médio, diferente do que constatamos nos currículos escolares do Rio de Janeiro no qual apenas as diretrizes da Secretaria Municipal de Educação abordam as questões relacionadas a História Local.

O uso de História Local no ensino História na Paraíba tem espaço garantido nos currículos – e em especial nos três anos do Ensino Médio – abrangendo desde a Pré-História da Paraíba na 1ª série, História da Paraíba Colonial na 2ª série e História da Paraíba no Império e República na 3ª série. Entretanto, Barbosa aponta que apenas o fato do conteúdo estar inserido no currículo não implica quebrar com os antigos paradigmas do ensino de História pois “Muitas vezes, se reduz a uma performance biográfica vaga ou ao somatório de descrições alheias ao universo do estudante, o que restringe a história da humanidade a pequenos espaços e a meia dúzia de homens que, por sua vontade e favor, tudo fizeram. ”. (BARBOSA, 2006, p. 64)

Para a autora o investimento em pesquisas para a produção de conhecimento local é o primeiro passo para a produção de materiais didáticos que contemplem a inclusão de protagonistas que fazem parte dos espaços estudados: professores, alunos e comunidade. A História Local possibilitaria a aproximação de segmentos populares e o ensino de História, sendo esse aspecto fundamental na construção de um processo “para o desenvolvimento de uma consciência da coletividade que considera o plano social, econômico, político e cultural,

vislumbrando, assim, a busca de soluções de seus problemas, mesmo quando para estes” (BARBOSA, 2006, p. 66).

Ainda sobre o tema em questão, o trabalho de Sukow e Urban também relaciona o uso de História Local com o ensino de História. Para tal pesquisam a presença de História Local na consciência histórica de jovens escolarizados da região do Vale do Ribeira – divisa do Estado de São Paulo com Paraná – e São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba. Nesse artigo as autoras se debruçam sobre uma bibliografia de referência sobre o tema e buscam “investigações que pensaram o ensino de história local enquanto uma estratégia pedagógica de aproximação com os estudantes.” (SUKOW;URBAN, 2017, p. 1).

As discussões em torno do uso da História Local não são novidade como as autoras sinalizam ao remontar a Rousseau – com a contribuição da obra *Emilio* – a qual orientava a observação da natureza e do entorno para o processo de aprendizagem até autores contemporâneos como John Dewey que parte da premissa que crianças conseguem se relacionar melhor com o que lhe é cotidiano. Assim como salientado anteriormente por Barbosa, a questão do silenciamento de determinados grupos de pessoas ou de atos individuais oriundos das camadas mais populares também é debatido pelas autoras. Para elas a História local “além de ser uma estratégia pedagógica que se aproximaria da realidade do aluno” (SUCOW;URBAN, 2017, p. 2).

Outro autor usado como referência teórica no texto de Sukow e Urban é Edgardo Ossana que vislumbra os benefícios para o aprendizado histórico usando História Local. As autoras exploram a visão de Ossana que defende o fato do aluno estar em contato com seu mundo, visualizando a si mesmo como um sujeito histórico e mais próximo da História. A utilização da História Local, para as historiadoras, permite diversos caminhos no processo de aprendizagem como por exemplo: o aumento do interesse da investigação a partir das vivências pessoais, a oportunidade de trabalhar com escalas menores para melhor entendimento das rupturas e continuidades e o favorecimento de discussões sobre histórias mais plurais sem deixar para trás as especificidades – uma das críticas à História Geral e homogeneizante.

Outro aspecto destacado é o uso de História Local como ponto de partida para o ensino de História. Ao utilizar as contribuições de Joaquim Prats, Sukow e Urban atentam para a trabalho com fontes ou elementos que sejam oriundos da localidade em questão em sala de aula. Além disso, ressaltam que é importante destacar que o fato do professor lançar mão

da História Local não significa dispensar a História Geral, mas sim enriquecê-la tornando significativa a experiência de crianças e jovens. Esses indivíduos poderão identificar as diferentes formas de vida presentes na sua localidade e assim suscitar o desenvolvimento das identidades individuais e coletivas.

Outrossim, Donner (2012) tem o foco não diretamente vinculado ao uso do História Local no Ensino de História, porém mostra aspectos interessantes para pensar os caminhos que esse tipo de pesquisa tem se consolidado no Brasil. Assim como os trabalhos de Barbosa e Sukow;Urban, Donner também sinaliza que o interesse em História local surge no seio das comunidades, famílias, paróquias, entre outros espaços de convívio coletivo. Nesse sentido, ressalta que ao redor do mundo podemos ver esses casos de estudo da localidade como os livros de família na Noruega e os mapeamentos genealógicos na Inglaterra.

Segunda a autora a busca pela História Local tornou-se uma alternativa à História Geral e muitas vezes conseguiu sanar as questões cotidianas das pessoas da região estudada. Contudo, Donner aponta para as várias práticas de História local que podem levar a diversas escritas “risco de buscar o local apenas pensando em fazer dele um campo de testes da história nacional deve ser evitado. A história da comunidade se legitima através da personalização dos laços sociais tecidos no seu solo” (DONNER, 2012, p. 224).

Assim, a autora parte para a definição de História Local a qual sinaliza ser primordial o vínculo do local com o pesquisador – seja por esse ser seu lugar de residência ou seu local de interesse para sua pesquisa – será através desse envolvimento que será caracterizada sua prática histórica. Para além das preocupações com o espaço físico, o historiador ao fazer História Local valoriza o aspecto comunitário e seus leitores que são os membros dessa comunidade. Em conformidade com a autora consideramos esse aspecto de suma importância ao desenvolver um trabalho de História Local com crianças e jovens. Por fim, a autora elencou como motivos para o aumento dos estudos sobre História Local: o aumento do turismo em algumas regiões antes desvalorizadas ou desconhecidas e por razões nostálgicas no sentido do indivíduo conhecer mais sua própria história e buscar por meio dela sua identidade. E é sobre essa última explicação, a busca por sua história e protagonismo, que explorei como tema de pesquisa a História Local do bairro de Tomás Coelho.

2.2. Os “jogos” de escala e outras aproximações com a História Local

Ao abordar essa temática, encaminhei a pesquisa no sentido de empreender uma análise que enfoque a História Local do bairro de Tomás Coelho como uma estratégia para o

ensino de História e assim tentar tornar o conhecimento histórico mais plural para meus alunos. Para tal, lançaremos mão das contribuições de autores que aprofundam o conceito de história local e as contribuições de Jacques Revel, principalmente sobre o conceito de *jogos de escala* presente na obra *Jogos de escalas: a experiência das microanálises*. Segundo o autor, “a escolha de uma escala de observação particular produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento” (REVEL, 1998, p. 20), assim a variação de foco do objeto de estudo – aumento ou diminuição da escala – não simplifica a análise social proposta na pesquisa.

A mudança de escala na micro-história retira o foco da macro-abordagem criando novas possibilidades para o trabalho do historiador e consequentemente causando um redimensionamento da pesquisa. Ao modificar as categorias de análise e aos modelos interpretativos do discurso historiográfico dominante, o uso da micro-história neste projeto possibilitará trabalhar outras perspectivas sobre a história do bairro pelos jovens que observam a ênfase dada a história, a preservação, ao reconhecimento principalmente das regiões central e sul da cidade do Rio de Janeiro em detrimento de outras áreas como o subúrbio.

No que tange ao conceito de História Local atentaremos para as contribuições Schmidt (2007) acerca de como trabalhar com a História Local no ensino de História. A autora ressalta que é necessário ter algumas premissas para o uso de História Local enquanto estratégia de ensino como “não ter por objetivo que o resultado da aprendizagem seja a elaboração da História (com maiúscula), mas iniciar o aluno no método histórico para que ele possa ser capaz de compreender como se constroem os conceitos e as leis sobre o passado” (SCHMIDT, 2007, p. 188). Assim, pretendemos construir a experiência com a História Local no bairro em questão, de maneira a estabelecer o diálogo com a história geral vinculando aos acontecimentos locais.

A História Local, como já pontuamos, utiliza novas metodologias, novos problemas e novos objetos de estudo e fontes. Podemos observar a importância que as fontes utilizadas nesse tipo de estudo sejam mais próximas ao aluno no intuito de tornar o processo mais motivador e significativo, possibilitando que esses jovens tenham o senso de preservação do local e valorizem relação deles com a comunidade. Segundo Schmidt:

Ela favorece recuperar a vivência pessoal e coletiva dos alunos e vê-los como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento. Desta

maneira, podem inserir-se a partir de um pertencimento, numa ordem de vivências múltiplas e contrapostas nos espaços nacional e internacional (SCHMIDT, 2007, p. 191)

CAPÍTULO 3: A construção do Baú de História: Conhecendo Tomás Coelho

Munida de todas essas informações – a junção da percepção dos alunos sobre o bairro somadas à situação que o CIEP se encontrava – lancei como a força motriz para minha pesquisa rever essa concepção preestabelecida e considerada quase imutável ao partir de uma reconstrução do olhar para esses espaços por meio da História Local. Seria ela o meu recurso pedagógico para atingir tal objetivo com o ensino de História. Propus aos alunos, ao final de 2019, que começássemos um projeto mais consistente e que pudéssemos nos aprofundar em conhecer mais sobre o CIEP e o bairro realizando um trabalho de investigação em conjunto. Nessa empreitada eles teriam um protagonismo em conduzir com a minha supervisão todas as etapas do processo de produção do projeto que viria ser intitulado *Baú de Histórias: Conhecendo Tomás Coelho*.

3.1. Inaugurando o Baú de Histórias mapeando o nosso Bairro

O primeiro passo foi a criação da ficha *Baú de História Conhecendo Tomás Coelho* (APÊNDICE A). Confeccionada em papel ofício A4 e impressa, essa atividade foi aplicada em sala de aula em setembro de 2019 e tinha como objetivo conhecer melhor o perfil dos alunos da turma que participariam do projeto. Aspectos como idade, sexo, bairro de residência, se conheciam a escola previamente a entrada deles, se tinham parentes que já estudaram ali, se tinham uma visão negativa ou positiva sobre o CIEP, se achavam importante conhecer a história da instituição e, por conseguinte do bairro de Tomás Coelho foram colhidos. Os resultados me deram um norte ser trabalhado e mostraram que a maioria dos alunos eram da região, tinham o interesse em conhecer a história do bairro e mais importante: achavam que o CIEP – mesmo com todos os problemas – era lugar de referência dentro do “horrorível e abandonado” bairro de Tomás Coelho. Muitos apontaram o CIEP como o único espaço de lazer, socialização e segurança que o bairro ofertava aos jovens que ali residiam.

Em seguida, a fim de estimular a percepção deles sobre o bairro de Tomás Coelho e de outros possíveis outros locais que tivessem relevância naquela região propus a confecção de dos *Mapas Afetivos*. Os mapas foram produzidos em folhas de papel A3 com materiais de fácil acesso aos alunos (lápiz, lápis de cor, régua e canetinha hidrográfica) e que também foram ofertados pela escola. Para estabelecer um foco a essa atividade e não ficar tão solta a proposta, sugeri que eles fizessem o mapa refletindo em um percurso específico: o caminho

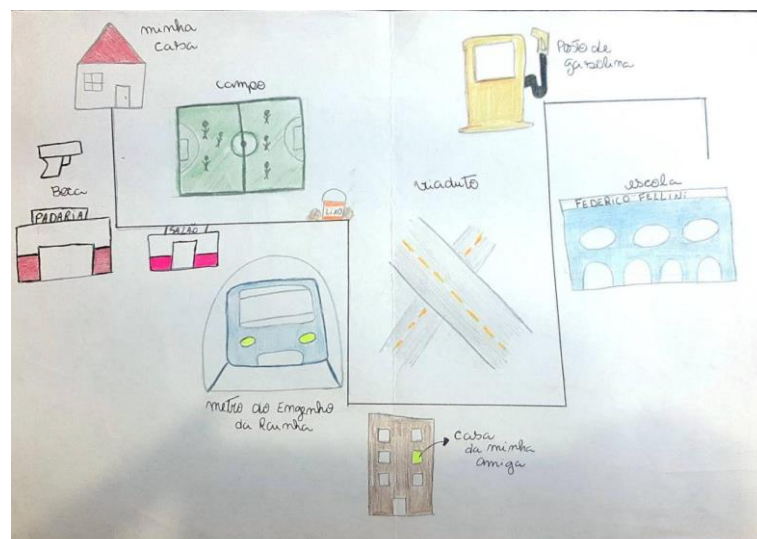
que percorriam de suas residências – ponto de partida – até chegarem ao CIEP, o ponto que eles elegeram como referência no bairro.

Os Mapas Afetivos foram utilizados como instrumento para os alunos pensarem a relação deles com o território no qual vivem. Esse levantamento individual permitiu a eles lançarem um olhar mais aguçado sobre o espaço, a troca de experiências sobre o local, a discussão sobre as potencialidades da região, e também as fragilidades existentes. Podemos destacar abaixo os pontos em comum nos mapas apresentados pelos alunos:

- Estação férrea de Tomas Coelho
- Estação de metroviária de Tomas Coelho ou Engenho da Rainha
- Presença armada do poder paralelo
- Venda e consumo de drogas
- Viaduto Tio Chiquinho
- Comércio: padarias e lanchonetes
- O posto de gasolina que reúne Banco 24 horas e Loja de Conveniência
- Campo de futebol
- As comunidades Juramento e Primavera

As discussões desses resultados por vezes esbarraram em assuntos sensíveis como a presença do poder paralelo ao Estado, tráfico e consumo de drogas no entorno. O descaso com as políticas públicas de saneamento básico, limpeza urbana, promoção de lazer e cultura no subúrbio também foi outro tema que discutimos em nossos encontros do projeto a partir dessa atividade. Abaixo seguem algumas amostras dos mapas entregues:

Mapas Afetivos



desenvolvido com meus alunos e que seria de muita valia eles conhecerem a existência dessa ONG naquela região e da atuação de alunos e egressos do nosso CIEP nesse movimento. Desse modo, pensei em convidar não somente os participantes do projeto *Baú de Histórias: Conhecendo Tomás Coelho* para assistir à exibição do vídeo didático intitulado *É Rio ou Valão?*⁷ mas incluir todo o turno vespertino em um cine-debate realizado a três mãos: ONG Verdejar Socioambiental, alunos do projeto e toda comunidade escolar (professores, equipe pedagógica, ex-professores, alunos do turno da tarde). O convite foi postado nas redes sociais e o evento foi aberto para o público em geral.

CINE-DEBATE #1
Agroecológico

É rio ou valão?
Afinal, o que é o Faria-Timbó: rio ou valão? Canal do Cunha, que história é essa? Neste filme, jovens estudantes descobrem um pouco mais sobre a cidade do Rio de Janeiro e a história de suas águas.

Mediação:
Lucas Fernando
(Verdejar Socioambiental)

ONDE?
CIEP Federico Fellini • 11/03 • 15h
(Av. João Ribeiro - Tomás Coelho) (QUARTA)

Realização: **Apoio:**

Cartaz de divulgação da atividade

A ONG Verdejar Socioambiental é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, apartidária, sem vínculos religiosos de caráter socioambiental e cultural criada em 1997. Sua sede institucional é localizada na rua Sérgio Silva no bairro Engenho da Rainha e seu intuito é promover ações de preservação, recuperação e gestão ambiental da Serra da Misericórdia – a última área verde da zona norte do Rio de Janeiro.⁸ Essa serra possui uma extensão territorial enorme com cerca de 43,9 KM² no município do Rio de Janeiro e estende-

⁷O vídeo didático *É Rio ou Valão?* foi produzido em 2017 e realizado com jovens estudantes de escolas públicas (inclusive do CIEP 092 Federico Fellini) da cidade do Rio de Janeiro em parceria com a ONG Verdejar Socioambiental e com a Fundação Oswaldo Cruz. O vídeo aborda temas e problemas socioambientais urgentes relativos à importância do ciclo água-esgoto-água para a vida humana, e o desenvolvimento de tecnologias em relação ao ambiente urbano.

⁸ Para mais informações sobre as ações promovidas pela ONG: www.verdejar.org

se por vinte e sete bairros do subúrbio carioca como: Abolição, Bonsucesso, Brás de Pina, Cavalcante, Cascadura, Complexo do Alemão, Del Castilho, Engenho da Rainha, Inhaúma, Honório Gurgel, Higienópolis, Irajá, Madureira, Rocha Miranda, Pilares, Vicente de Carvalho, Penha, Olaria, entre outros se destaca no maciço da Misericórdia o ponto culminante – a Serra do Juramento – a 260 metros de altitude.

A atividade foi realizada no dia onze de março de 2020 no período da tarde, no entanto a organização para a mesma antecedeu esse dia. Após ajustarmos a disponibilidade dos voluntários representantes da ONG Verdejar Socioambiental, a saber, Lucas Fernando supracitado e Rodrigo Rossi Morelato, buscamos a aprovação do evento pela direção escolar e coordenação pedagógica sendo feito também o convite a professora de geografia Viviane Lavandeira para intermediar o debate comigo. Juntamente com os alunos participantes do projeto organizamos o auditório para recepcionar nossos convidados e as outras turmas presentes naquele horário da melhor maneira possível. Preparamos aparelho de DataShow, Notebook, tela de projeção e caixa de som. Todos esses equipamentos foram disponibilizados pelo CIEP para a realização da atividade que também contou com um lanche simples (pipoca e suco de fruta) para nossos alunos mobilizando esforços de toda escola (as merendeiras, a coordenadora pedagógica Simone Almeida e as professoras Sheila Giuliasse e Michele Guimarães).



Exibição do vídeo didático *É Rio ou Valão?* no auditório do CIEP 092 Federico Fellini



Representantes da ONG Verdejar Socioambiental com os professores e alunos



Roda de debate sobre preservação ambiental e hidrográfica na zona norte

Por meio dessa atividade os alunos experimentaram o sentimento de valorização do bairro de Tomás Coelho e dos bairros adjacentes, além de tomaram conhecimento do engajamento de alunos do CIEP em ações de resgate e valorização daquele território. Vale ressaltar que parte das filmagens do vídeo produzido pela ONG foi gravado nas dependências do CIEP 092 Federico Fellini e protagonizado por alunos que estavam cursando o Ensino Médio no ano de 2017. Um desses egressos já apareceu no primeiro capítulo deste trabalho como entrevistado: o Andrey Marlon da Silva Costa. Mais uma vez vemos a potencialidade do CIEP 092 Federico Fellini emergir em contextos variados que polo centralizador e propulsor de ações educativas, culturais e de lazer.

3.2. O CIEP 092 Federico Fellini: sob o olhar dos sujeitos

Ao me deparar com essa constatação, tomamos a decisão de adotar o CIEP como nosso objeto central no projeto *Baú de Histórias: Conhecendo Tomás Coelho*, e que mesmo a instituição não funcionando na sua plena funcionalidade de outrora, era o que os alunos consideravam de mais positivo e importante dentro da realidade experimentada por eles naquela localidade. A partir disso, nós começamos a pensar sobre a forma que conseguiríamos acessar informações sobre o CIEP e como poderíamos registrar esse trabalho para torna-lo um material que possibilitasse futuras consultas da comunidade escolar.

O CIEP 092 Federico Fellini, assim como a maioria das escolas públicas cariocas, não conta com um acervo de memória ou arquivo de documentos que registrasse a existência, ou melhor, a resistência da instituição ao longo das suas quase três décadas. Algumas direções se desfizeram de itens que poderiam ser úteis na pesquisa durante seus mandatos de gestão como troféus e medalhas esportivas que o colégio ganhou em sua melhor fase. Já outras direções registravam em foto a rotina escolar do CIEP (todos os eventos), mas tomava esse material como item pessoal e ao deixarem de exercer funções laborais no colégio levava embora todos os registros dos acontecimentos – fotografias de campeonatos, formaturas, atividades extraclasse, etc.

Sem acesso a documentos oficiais⁹, sejam eles escritos ou fotográficos, decidimos usar o que tínhamos disponível ao nosso favor naquele momento: as fontes orais. Segundo o historiador José D’Assunção Barros podemos pensar que ““Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente” (BARROS, 2019, p. 1). Desse modo, iniciamos as reuniões formando grupos de trabalho e definimos o planejamento das próximas etapas: a utilização da história oral na realização de entrevistas com personagens variados do CIEP (professores fundadores, professores novos, ex-alunos e funcionários) que compartilharam suas vivências e experiências com a instituição, bem como com o bairro que a sedia.

⁹No final de 2019 foram feitas tentativas de acessar uma sala que guardava arquivos antigos da escola, no entanto, não havia a menor chance de manusear os papéis e caixas ali presentes devido a quantidade de poeira, mofo e insetos no local. Como não havia nenhuma separação entre tudo que se encontrava ali: documentos da administração do CIEP, documentos trabalhistas de funcionários, documentação escolar de alunos, entre outros, para precaver a escola de perda material e assegurar a segurança física aos alunos desistimos de utilizar esse material.



Foto da turma participante na reunião de planejamento em setembro de 2019

A construção das próprias fontes históricas foi muito importante para a realização do nosso trabalho: por meio delas os alunos tiveram aproximação com o método proposto, puderam conceber, organizar e produzir esse material desde o início. Além disso, o resultado dessa atividade me possibilitou usar esse material como fonte para a escrita da minha pesquisa de mestrado e integrar o meu produto final em forma de documentário. Sendo assim, lançamos mão das entrevistas concedidas para conhecer um pouco da história do CIEP 092 Federico Fellini e como ela pode ser aliada para saber mais sobre o impacto do CIEP no bairro de Tomás Coelho.

Entrevistas e Gravação do Documentário

A fotos abaixo já ilustram os eventos que ocorreram no dia 29 de outubro de 2019 no CIEP 092 Federico Fellini das dez horas da manhã até as sete horas da noite: o dia da gravação das entrevistas que compõem o documentário, meu produto final, chamado *Baú de Histórias: Conhecendo Tomás Coelho*. No entanto, para explicarmos esse evento e me refiro com essa terminologia a essa atividade pois, a escola como um todo ficou animada com a proposta.



Alunos realizando as entrevistas com os professores Francisco e José Luiz

No entanto, é necessário retroceder um pouco para entendermos como foi nosso planejamento para essa atividade. Primeiramente com ajuda da minha orientadora prof^ª Dr^ª Warley da Costa conversamos sobre possíveis as perguntas a serem feitas aos entrevistados pelos alunos. Decidimos que para um documentário enxuto, haja vista que contaríamos com a disponibilidade dos entrevistados durante o expediente de trabalho, dos alunos no contra turno e do tempo de gravação. Dessa forma, fechamos em duas questões norteadoras a serem feitas que foram:

- 1) *Qual foi a importância para o bairro de Tomás Coelho da implementação do CIEP 092 Federico Fellini?*
- 2) *Comente a sua experiência no CIEP 092 Federico Fellini no período em que você iniciou suas atividades na instituição.*

Naquele momento tendo a certeza de que nosso projeto iria trabalhar com a exposição de seres humanos – tantos os entrevistados quanto os alunos sendo a maioria menores de idades – ingressei com o processo na Plataforma Brasil e submeti meu projeto ao Conselho de Ética da UFRJ. Já em posse do aval técnico e munida com os termos de assentimento e consentimento pude iniciar com os alunos a sequência de ações para a realização das entrevistas e gravação das imagens.

Infelizmente a maioria da turma não quis participar dessa atividade do projeto por vergonha ou falta de tempo de estar no contra turno. Contudo, os alunos que se dispuseram continuar a abraçar o projeto foram incrivelmente maduros, responsáveis e interessados em

todas as etapas do processo. Ao todo seis alunos assumiram esse compromisso, são eles: Levi Barros, Fernanda Ribeiro, Maicon Silva, Rafaela Batista, João Lima e Rafaella Oliveira.

Na segunda reunião de planejamento com os alunos apresentei as perguntas e expliquei os motivos de terem sido escolhidas como guias para as entrevistas: ambas dialogam com os resultados das avaliações diagnósticas feitas por eles, possibilitavam respostas que versassem sobre amplos aspectos do tema e nos serviriam no propósito investigativo. Todos demonstraram estar de acordo e passamos para a próxima etapa que era sugerir os nomes dos possíveis entrevistados.

Esse momento foi muito importante, pois mesmo sem saber do passado funcional dos professores, os alunos reconheceram em alguns docentes habilidades e práticas em sala de aula que consideravam mais atrativas no ensino e justamente citaram o nome dos docentes que trabalhavam com projetos: Francisco Nascimento, Jorge Roberto Maia e Viviane Lavandeira. Os alunos optaram também por entrevistar a direção escolar que atuava naquele momento, composta pelo Diretor Geral Rodrigo Camargo Vieira e o Diretor Adjunto José Luiz de Souza Carvalho (professor desde os primórdios do CIEP).

A fim de ouvir outros grupos atuantes no CIEP, os alunos sugeriram que funcionários também pudessem dividir suas experiências e os nomes da professora de Geografia readaptada Carmen Lúcia da Silva que atuava como articuladora pedagógica e a Secretária Escolar Áurea Walverde surgiram para essa categoria. Por fim pensamos em ter um ex-aluno dividindo como foi sua passagem pelo colégio, mas sabíamos da dificuldade de encontrar alguém que pudesse comparecer no horário comercial no meio da semana, no entanto fiz o convite ao jovem adulto Andrey Marlon que aceitou prontamente.

O próximo passo foi fazer o convite formal aos entrevistados previamente escolhidos, explicando a proposta da atividade e avisando a data e horário das gravações. A solicitação da turma foi prontamente bem recebida por todos, e gerou burburinho no CIEP do porquê apenas algumas pessoas tinham sido escolhidas e outras não. Pelo motivo já comentado acima, tínhamos prazo e organizar a logística de disponibilidade de todos não foi fácil. Tivemos que realocar diversas vezes os horários e dias até chegar a uma data em comum para todos os dezesseis componentes dessa atividade, disponibilizando dois horários (matutino e vespertino). Segue uma tabela abaixo para melhor visualização dos participantes desta atividade:

PARTICIPANTES	Função
Ingrid	Orientadora
Levi	Entrevistador
Rafaela	Entrevistadora
João	Entrevistador
Fernanda	Entrevistadora
Maicon	Entrevistador
Rafaella	Entrevistadora

PARTICIPANTES	Função
Rodrigo	Entrevistado
Viviane	Entrevistada
Andrey	Entrevistado
Jorge	Entrevistado
Carmem	Entrevistada
Francisco	Entrevistado
Áurea	Entrevistada
José Luiz	Entrevistado
Fabiano	Filmmaker

Com essa parte concluída passamos para a escolha dos locais que seriam feitas as gravações e a ideia geral era de explorar da melhor forma possível partes variadas da estrutura arquitetônica do CIEP, sua principal característica de identificação – a estética – na cidade do Rio de Janeiro. Acordamos em filmar em vários espaços da instituição como na biblioteca/sala de leitura, na quadra poliesportiva, no gabinete da direção, na sala dos professores e na sala do departamento pessoal. Além disso algumas tomadas para ambientação do documentário foram feitas destacando a faixa de entrada do CIEP, o característico Viaduto Tio Chiquinho, a movimentação na quadra de esportes e a circulação de estudantes pelo local.

Nas gravações tivemos ajuda profissional do cinegrafista Fabiano Soares que ofertou um equipamento de vídeo e som de alta qualidade para que o resultado final do nosso documentário pudesse ser o melhor possível. Aficionado pela cultura *underground*, pelo subúrbio e um amigo de longa data ele topou participar da empreitada e graças ao investimento feito a mim por meio da bolsa CAPES pude custear a produção desse material. Os alunos ficaram muito empolgados com todo aparato profissional (câmeras, microfone de lapela, tripés, lentes, etc) e não desgrudaram um só minuto do especialista. Os alunos ajudaram a carregar e manusear os apetrechos ao longo do dia, descobrindo as funcionalidades e executando algumas ações nas filmagens. O clima das gravações foi um sucesso, muitos alunos do CIEP que não faziam parte do projeto ficaram interessados e

pediam para aparecer nas filmagens, tirar fotos e queria saber do que se tratava aquela movimentação toda.

A timidez inicial dos alunos ao começar as entrevistas foi sendo dissipada com o passar do tempo e com a desenvoltura dos entrevistados. Ao final do primeiro bloco de filmagens – fizemos uma pausa para o almoço – os alunos já estavam fugindo do roteiro e adicionando novas questões que surgiam mediante a resposta dos depoentes. Após esse intervalo focamos em fazer o segundo bloco de entrevistas, dessa vez na quadra poliesportiva e as tomadas da parte externa do CIEP.

Finalizamos as gravações, agradecemos a todos os envolvidos, ajudamos o cinegrafista a guardar seu material e esperar por um carro de aplicativo tendo em vista que o equipamento era de alto valor e encerramos mais uma etapa da tão aguardada atividade. A ansiedade dos alunos era tanta que no dia seguinte eles me perguntaram se o documentário já estava pronto ou quando poderíamos assisti-lo. Expliquei que agora começaríamos mais uma etapa, e uma etapa muito importante, que seria a edição do documentário já que tínhamos muitas horas de gravação e a ideia era fazer um vídeo de no máximo trinta minutos.

Assim, nesta parte do processo conversamos em nossos encontros que o CIEP não dispunha de computadores e programas de edição que nos ajudassem a fazer toda seleção dos trechos das entrevistas, então com base nos vídeos individuais de cada entrevistado nós resolvemos criar categorias por assuntos que mais nos chamou atenção ou que mais apareceram nas falas durante as gravações. Desse modo chegamos ao total de seis categorias temáticas para desenhar a edição do documentário, a saber:

- CHEGADA AO FELLINI: essa categoria enquadrou o início das atividades dos entrevistados no CIEP 092 Federico Fellini.
- INTEGRAÇÃO CIEP X BAIRRO: essa categoria abarcou a visão dos entrevistados sobre a relação do CIEP 092 Federico Fellini com a comunidade escolar.
- DIFICULDADES ENFRENTADAS: essa categoria englobou as dificuldades que os entrevistados vivenciaram e ainda vivenciam em suas experiências na instituição.

- CIEP COMO REFERÊNCIA PARA O TOMÁS COELHO: essa categoria envolveu a importância do CIEP 092 Federico Fellini como um polo norteador para o bairro de Tomás Coelho.
- IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS: essa categoria compreendeu as falas dos entrevistados que corroboram os projetos como força-motriz do CIEP 092 Federico Fellini.
- FELLINI ATUALMENTE: essa categoria incluiu as reflexões dos depoentes sobre o funcionamento, a gestão e a proposta pedagógica do CIEP 092 Federico Fellini até a data das gravações (outubro de 2019).

A última etapa do processo de produção dessa atividade para o projeto que leva o mesmo nome do documentário *Baú de Histórias: Conhecendo Tomás Coelho* foi a montagem da sequência de vídeos a partir das nossas seleções dos trechos das entrevistas. Esse trabalho requereu conhecimento, técnica e equipamentos modernos para que o resultado final fosse de qualidade, sendo realizado pelo cinegrafista Fabiano. Essa parte foi muito trabalhosa pois tivemos que assistir todas as horas de gravação, selecionar e anotar os tempos de corte das entrevistas baseadas nas categorias de temas que estabelecemos e estipular a ordem sequencial desses cortes para montagem do documentário. Além disso, também escolhemos as músicas que compõe o documentário (que precisavam ser de domínio público para evitar processos judiciais ao publicizar o documentário) e capa de abertura e fechamento do vídeo.

O documentário foi disponibilizado em Disco de Vídeo Digital (DVD) e posteriormente após a defesa de mestrado foi disponibilizado na plataforma YouTube (APÊNDICE B) e na biblioteca do CIEP 092 Federico Fellini. A experiência de ter coordenado um projeto grande e longo no CIEP 092 Federico Fellini foi muito rica e desafiadora para mim enquanto docente. A oportunidade de trabalhar com meus alunos de forma intensa e extraclasse sem ter nenhuma moeda de troca nessa interação, de proporcionar um trabalho investigativo no qual eles foram ao mesmo tempo protagonistas e objetos da História permitindo que tomassem as rédeas, que discutissem os caminhos e produzissem seu próprio material fez valer todos os esforços empreendidos desde 2019 até o dia de hoje. Esse grupo de alunos deixou muitas saudades e me mostrou que é possível ser professora-

pesquisadora e pesquisadora-professora ao colaborarem para a minha formação profissional e acadêmica. A seguir deixo registro dos bastidores dia das gravações:







CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa realizada no CIEP 092 Federico Fellini teve por objetivo principal utilizar a História Local como uma estratégia para o ensino de História. A oportunidade de trabalhar com estudantes em campo e desenvolver fontes que se transformaram em materiais pedagógicos para as turmas presentes e futuras do CIEP. A realização do documentário foi de grande impacto para o projeto pois careceu de muito planejamento, discussão e organização dos adolescentes para fazer o trabalho com excelência na melhor qualidade que podíamos oferecer ao projeto.

Lidar com esses desafios possibilitou que os estudantes compreendessem mais sobre a história da instituição e sobre o papel que ela exerce dentro do bairro de Tomas Coelho. Além disso, ao serem apresentados ao método investigativo da História tiveram noção como pode ser atraente e que a História pode estar em qualquer lugar, não apenas nos bairros mais abastados ou importantes, o que gerou um sentimento de luta por melhorias na escola.

Diversas foram as dificuldades enfrentadas no período de realização desse trabalho e acredito que a mais engessadora foi a pandemia da COVID-19 que acometeu a população brasileira em meados de 2020 e refletiu de maneira brusca na vida das pessoas. O CIEP 092 Federico Fellini, assim como as demais escolas, também lidou com esse “novo normal” e foram impactados por ele. O corte do vínculo com os alunos, a suspensão das atividades e do desenvolvimento das mesmas gerou uma grande evasão escolar até a retomada parcial em meados de 2021.

Acredito que seja importante registrar aqui neste trabalho que fala sobre o CIEP 092 Federico Fellini que a COVID-19 provocou a perda abrupta logo no início da pandemia (abril de 2020) do nosso então Diretor Geral professor Rodrigo Camargo Vieira, um dos nossos entrevistados para o documentário e da professora readaptada Marize Carvalho (dezembro de 2020) a qual todos nós estimávamos muito. Além das perdas de vidas humanas, tivemos muitos professores e alunos acometidos pela doença, que em meu caso desencadeou em um longo período para o reestabelecimento das atividades laborais e acadêmicas. A minha pesquisa também é uma forma de honrar a memória deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARBOSA, Vilma. L.. Ensino de História Local: Redescobrimo Sentidos. *Saeculum* (UFPB), v. 15, 2006. p. 57-85.

CAIMI, Flávia Eloisa. Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. ROCHA, Helenice et al (org). *O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

CAVALIÉRE, Ana M. V. *Memória das Escolas de Tempo Integral do Rio de Janeiro (CIEPs): documentos e protagonistas*. Rio de Janeiro: UFRJ [entre 1994 e 2006]. Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/017_ana_maria_vilella.pdf Acesso em: 10 jul., 2019.

CHAHIN, S. B.. Cidade, escola e urbanismo: o programa Escola Parque de Anísio Teixeira. In: *XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, 2016, São Carlos. CIDADE, ARQUITETURA E URBANISMO: VISÕES E REVISÕES DO SÉCULO XX. São Carlos: IAU USP, 2016. p. 30-40.

CHICO BUARQUE. *Subúrbio*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino. 2006. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZqWFILE4vfg>. Acesso em 31 jan 2019.

CORREA, Rodrigo Antunes. Memórias e histórias do CIEP 228 Brizolão Darcy Vargas: uma construção coletiva. Orientador: Warley da Costa. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, 2018.

GRACE COSTA, Viviane Grace. Operando com História, Memória, Ensino de História: CIEP BRIZOLÃO 303 - AYRTON SENNA. 2017. Orientadora: Maria Regina da Cunha Bustamante. 2014. 180 f. Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Curso de Especialização em Saberes e Práticas na Educação Básica, 2014.

DONNER, S. C. História Local: discutindo conceitos e pensando na prática- o estado das produções no Brasil. In: XI Encontro Estadual de História- História, memória e patrimônio,

2012, Rio Grande. *Anais do XI Encontro Estadual de História- História, Memória e Patrimônio*. Porto Alegre, 2012. v. 1. p. 223-235.

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. *Anísio Teixeira e as políticas de edificações escolares no Rio de Janeiro (1931-1935) e na Bahia (1947-1951)*. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/0206p.PDF> Acesso em: 10 jul., 2019.

MIGNOT, Ana C. V. CIEP: Centro Integrado de Educação Pública – alternativa para qualidade do ensino ou nova investida do populismo na educação?. Em Aberto, Brasília, v. 44, 1989. p. 48-63.

REVEL, Jacques. Microanálise e a construção do social. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988. p. 15-38.

RIBEIRO, Darcy. *O Livro dos CIEPs*. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

SCHMIDT, M. A. M. S. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A.M./ GASPARELLO, A.M. / MAGALHAES, M.S.. (Org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. 1aed. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2007, v. 1, p. 187-197.

SELLES, Sandra Escovedo e ANDRADE, Everardo Paiva de. “Políticas curriculares e subalternização do trabalho docente” In *Educação em foco*. Juiz de Fora, v. 21 n. 1, mar. 2016/jun. 2016.

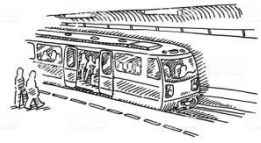
SELLES, Sandra Escovedo e SANTOS, Tatiane Castro. “A entrevista na pesquisa educacional, seus usos etnográficos e a perspectiva da História Oral.” In ANDRADE, Everardo Paiva de e ALMEIDA, Juniele Rabelo de. *História Oral e Educação: experiência, tempo e narrativa*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

SUKOW, N. M.; URBAN, Ana Cláudia. História local e consciência histórica: uma revisão bibliográfica. In: *XVII Congresso Internacional Jornadas da Educação Histórica, 2017*, Foz do Iguaçu. Anais do XVII Congresso Jornadas da Educação Histórica, 2017.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

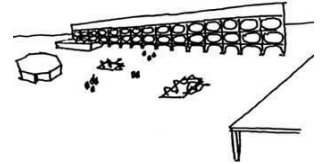
APÊNDICE

APÊNDICE A – FICHA BAÚ DE HISTÓRIA CONHECENDO TOMÁS COELHO



Baú de História: Conhecendo Tomás Coelho

Atividade 1



Nome: _____

1) Quantos anos você tem? _____

2) Em que bairro você mora? _____

3) Você conhece a história do seu bairro?

() sim () não

Caso tenha assinalado a opção **sim**, escreva o que conhece sobre a história do bairro abaixo.

4) A quanto tempo você estuda no Federico Fellini? _____

5) Por que você resolveu estudar no Federico Fellini?

6) Já conhecia a escola antes de estudar nela?

() sim () não

7) Algum parente seu já estudou no Federico Fellini?

() sim () não

8) O que você acha da escola?

9) Em relação a imagem da escola no bairro, você considera:

() positiva () negativa

10) Você considera importante conhecer a história do bairro e da escola?

() sim () não

Por que?

APÊNDICE B – DOCUMENTÁRIO *BAÚ DE HISTÓRIAS: CONHECENDO TOMÁS COELHO*

ACESSO EM: https://www.youtube.com/watch?v=Zqk9YzA6_ZE&t=1051s (PARTE 1)

ACESSO EM: <https://www.youtube.com/watch?v=oQhSBytGjqs&t=25s> (PARTE 2)

ANEXO**ANEXO 1****REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) responsável:

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) para participar da pesquisa “*Tomás Coelho: o uso da história local como uma proposta para o Ensino de História no subúrbio carioca*”. A participação do menor envolve conduzir entrevistas com professores, funcionários e ex-alunos do CIEP 092 BRIZOLÃO FEDERICO FELLINI. Essas entrevistas serão gravadas em áudio/vídeo e posteriormente darão origem a um minidocumentário, que irão compor o projeto *Baú de Histórias*, que ficará armazenado na biblioteca da escola supracitada para consulta futura dos professores, alunos e pesquisadores.

A participação na pesquisa sob supervisão da professora Ingrid Brito Alves da Assunção, que será apresentada à UFRJ, é voluntária e o senhor(a) poderá decidir pela não participação ou desistência do(a) menor pelo qual é responsável a qualquer momento. Essa pesquisa não tem fins lucrativos, por isso a participação é voluntária e para fins didáticos.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, a identidade do(a) menor será preservada por escrito, porém pode ocorrer identificação do(a) aluno(a) através de áudio, fotos ou entrevistas gravadas que ficarão arquivadas na biblioteca do CIEP 092 BRIZOLÃO FEDERICO FELLINI. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Os riscos existentes aos menores em sua participação nesta pesquisa são mínimos tais quais: constrangimento pessoal, insatisfação com a estética pessoal ou devido à qualidade da imagem ou ângulo de captura da mesma. No entanto, devemos advertir que devido a pandemia de SARS-CoV-2, existem riscos à saúde inerentes a interações copresenciais necessárias à realização de entrevistas. Dessa forma, seguindo as orientações para condução de pesquisas e atividades dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) durante a pandemia provocada pelo novo coronavírus (de 01/04/2020) do Ministério da Saúde iremos nos adaptar a forma mais segura para a realização dessas entrevistas seguindo o protocolo sanitário vigente nas escolas em funcionamento da rede estadual de Educação do Rio de Janeiro no ano de 2021.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para o desenvolvimento da educação em Tomás Coelho e para a História do CIEP 092 BRIZOLÃO FEDERICO FELLINI.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável através do telefone (21) 99971-3642 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – Email: cep.cfch@gmail.com.

Atenciosamente

Nome e assinatura do(a) responsável pelo(a)
estudante

Local e data

Nome e assinatura da professora supervisora
Matrícula: 3085662-9

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste registro de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

ANEXO 2

REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Tomás Coelho: o uso da história local como uma proposta para o Ensino de História no subúrbio carioca” . Neste estudo pretendemos pesquisar sobre o CIEP 092 BRIZOLÃO FEDERICO FELLINI, coletar registros diversos como fotos, documentos e depoimentos de professores, ex-alunos, ex-funcionários, ou funcionários mais antigos da escola, organizar o material empírico da pesquisa (documentos, vídeos, áudios, transcrições) a fim de criar um Baú de Histórias sobre o referido CIEP e sua relação com o bairro de Tomás Coelho. As entrevistas serão conduzidas pelos próprios alunos, sob minha supervisão, que voluntariamente aceitarem participar da pesquisa e serão registradas em forma de vídeo e áudio. Esse material audiovisual se traduzirá um minidocumentário que irá compor o Baú de Histórias e ficará guardado no CIEP 092 BRIZOLÃO FEDERICO FELLINI, podendo ser utilizado em futuras dinâmicas em sala de aula, bem como material para acervo escolar da unidade de ensino.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um registro de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora. Você será identificado mediante autorização de seu responsável. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, ler, etc.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei

que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste registro assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro ____ de _____ de 20____

ANEXO 3

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS E EX-ALUNOS)

Prezado(a) participante:

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) para participar da pesquisa “*Tomás Coelho: o uso da história local como uma proposta para o Ensino de História no subúrbio carioca*”. Sua participação envolve conceder entrevistas para os alunos do CIEP 092 BRIZOLÃO FEDERICO FELLINI. Essas entrevistas serão gravadas em áudio/vídeo e posteriormente darão origem a um minidocumentário, que irão compor o projeto *Baú de Histórias*, que ficará armazenado na biblioteca da escola supracitada para consulta futura dos professores, alunos e pesquisadores.

A participação na pesquisa sob supervisão da professora Ingrid Brito Alves da Assunção, que será apresentada à UFRJ, é voluntária e o você poderá decidir pela não participação ou desistência a qualquer momento. Essa pesquisa não tem fins lucrativos, por isso a participação é voluntária e para fins didáticos.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, pode ocorrer identificação do(a) participante através de áudio, fotos ou entrevistas gravadas que ficarão arquivadas na biblioteca do CIEP 092 BRIZOLÃO FEDERICO FELLINI. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Os riscos existentes aos participantes nesta pesquisa são mínimos tais quais: constrangimento pessoal, insatisfação com a estética pessoal ou devido à qualidade da imagem ou ângulo de captura da mesma. No entanto, devemos advertir que devido a pandemia de SARS-CoV-2, existem riscos à saúde inerentes a interações copresenciais necessárias à realização de entrevistas. Dessa forma, seguindo as orientações para condução de pesquisas e atividades dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) durante a pandemia provocada pelo novo coronavírus (de 01/04/2020) do Ministério da Saúde iremos nos adaptar a forma mais segura para a realização dessas entrevistas seguindo o protocolo sanitário vigente nas escolas em funcionamento da rede estadual de Educação do Rio de Janeiro no ano de 2021.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para o desenvolvimento da educação em Tomás Coelho e para a História do CIEP 092 BRIZOLÃO FEDERICO FELLINI.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável através do telefone (21) 99971-3642 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – Email: cep.cfch@gmail.com.

Atenciosamente

Nome e assinatura do(a) participante

Local e data

Nome e assinatura da professora supervisora
Matrícula: 3085662-9